

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BELO HORIZONTE – UNI-BH  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – DCC  
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

## **O processo de produção da notícia e a construção social da realidade**

Um estudo sobre o universo jornalístico e as rotinas produtivas do *Jornal Utópico*

THAÍSSA SILVEIRA LACERDA MOREIRA DE PAULO

BELO HORIZONTE – MG  
DEZEMBRO DE 2005.

THAÍSSA SILVEIRA LACERDA MOREIRA DE PAULO

## **O processo de produção da notícia e a construção social da realidade**

Um estudo sobre o universo jornalístico e as rotinas produtivas do *Jornal Utópico*

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, do Departamento de Ciências da Comunicação, do Centro Universitário de Belo Horizonte - UNI-BH, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Sob a orientação do professor Luiz Ademir de Oliveira

BELO HORIZONTE – MG  
DEZEMBRO DE 2005.

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu pai e à minha mãe, que me ensinaram a importância da dedicação aos estudos.

À minha irmã Thácila, que sempre me incentivou a “monografar”.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à querida professora Nair Prata por despertar em mim a paixão pelo rádio e pelos valiosos empréstimos de bibliografia. Ao professor Lúcio Alves de Barros, que mesmo não me conhecendo pessoalmente, empenhou-se a ler e fazer importantes observações sobre esta pesquisa. E, em especial, ao eterno mestre e amigo Luiz Ademir de Oliveira, pela paciência, sabedoria e exemplo de profissionalismo.

Saber o modo como as notícias são produzidas é a chave para compreender o que significam.

Leon V. Sigal

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura da edição do dia 22/08/05 .....	54
Quadro 2 – Estrutura da edição do dia 23/08/05 .....	55
Quadro 3 – Estrutura da edição do dia 24/08/05 .....	56
Quadro 4 – Estrutura da edição do dia 25/08/05 .....	57
Quadro 5 – Estrutura da edição do dia 26/08/05 .....	58
Quadro 6 – Estrutura da edição do dia 27/08/05 .....	59
Quadro 7 – Exemplos de pautas sugeridas por ouvintes e outras fontes .....	66
Quadro 8 – Manchetes veiculadas em cinco edições .....	83

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 – O FAZER JORNALÍSTICO E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE .....</b>	<b>13</b>
1.1 A construção social da realidade via linguagem .....	13
1.2 O poder da linguagem .....	15
1.3 O narrador jornalístico, a narrativa do real e a construção da realidade .....	17
1.4 O acontecimento jornalístico .....	18
1.5 Os critérios de noticiabilidade .....	20
<b>CAPÍTULO 2 – UM NOVO OLHAR TEÓRICO SOBRE O JORNALISMO .....</b>	<b>23</b>
2.1 Críticas à Teoria Funcionalista .....	23
2.1.1 A teoria do espelho .....	24
2.1.2 O mito da objetividade .....	25
2.2 Teorias contemporâneas e o processo de produção de notícia .....	30
<b>CAPÍTULO 3 – O RÁDIO E O RADIOJORNALISMO .....</b>	<b>34</b>
3.1 A implantação do rádio no Brasil .....	34
3.2 Raízes no jornalismo impresso .....	35
3.3 Características da linguagem do rádio como veículo de comunicação oral .....	36
3.4 Linguagem coloquial e proximidade com o ouvinte .....	37
3.5 Os desafios da invisibilidade .....	39
3.6 A mensagem adapta-se ao ouvido .....	41
3.7 O efeito dos efeitos .....	43
<b>CAPÍTULO 4 – AS PECULIARIDADES DA NOTÍCIA NO RADIOJORNALISMO .</b>	<b>44</b>
4.1 O que é notícia em rádio? .....	44
4.2 Um produto para consumo imediato .....	45
4.3 Tipos de notícia em rádio .....	46
4.4 Tipos de entrevista em rádio .....	47
4.5 Fontes de informação em rádio .....	48
4.6 Níveis de informação e seleção de notícias em rádio .....	49

<b>CAPÍTULO 5 – O DIA-A-DIA EM UMA REDAÇÃO DE RÁDIO .....</b>	<b>52</b>
5.1 Metodologia .....	52
5.2 O objeto .....	53
5.3 Critérios de análise .....	53
5.3.1 O universo jornalístico construído pela <i>Rádio Utopia</i> e a questão da objetividade .....	54
5.3.2 O processo de produção da notícia .....	64
5.3.2.1 Definição das pautas .....	64
5.3.2.2 Processo de apuração .....	68
5.3.2.3 Relação com as fontes .....	70
5.3.2.4 Interferência da internet .....	74
5.3.2.5 Fator tempo .....	79
5.3.2.6 Critérios de noticiabilidade .....	81
5.3.2.7 Processo de edição – a escolha das manchetes .....	82
5.3.3 A relação com os ouvintes .....	84
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>89</b>

## INTRODUÇÃO

O rádio tem como característica veicular informação com agilidade e dinamicidade, utilizando, para isso, o caráter auditivo via mediação técnica. O jornalismo tem como um dos pressupostos, ao se constituir numa das áreas mais importantes do campo da Comunicação, transmitir os fatos da realidade social. Unidos, rádio, como um veículo de comunicação, e jornalismo, como uma prática e uma atividade, estabelecem uma parceria, no mínimo, inevitável.

A concepção de rádio que se tem nos dias atuais surgiu durante a Segunda Guerra Mundial. Nessa época, o transistor foi inventado e trouxe mais versatilidade ao veículo que se fazia cada vez mais presente no dia-a-dia das pessoas. O rádio tornou-se, tanto para o cidadão rural, quanto para o homem urbano, um aliado contra a solidão e um prestador de serviços.

A partir daí, o jornalismo encontrou no rádio o meio de colocar no ar os fatos no momento em que estão acontecendo. E, mesmo com o advento da televisão e, mais tarde, da internet, o rádio não teve sua posição abalada. Até hoje, as ondas radiofônicas são o meio mais acessível e mais barato de transmissão de informações. Além disso, a mobilidade possibilitada pelo rádio o faz um companheiro de todas as horas, presente em qualquer ambiente. Em função disso, não se pode mais imaginá-los isolados, onde quer que esteja um aparelho de rádio, certamente, também estará uma transmissão jornalística.

Entretanto, produzir e veicular informação em rádio é um processo tão específico quanto a própria linguagem do veículo. A busca pela fidelidade à veracidade dos fatos, contudo, esbarra nas rotinas produtivas do jornalismo. Fatores inerentes à radiodifusão podem emergir como entraves ao desenvolvimento da própria produção de notícias.

No século XX, quando o jornalismo consolidou-se como uma atividade moldada pelas grandes empresas capitalistas, surge o mito da objetividade jornalística, conceito criado entre

os anos de 1920 a 1930, nos Estados Unidos. Esse mito prega que os jornais seriam um retrato da realidade. Nelson Traquina (1993) denomina tal visão de "teoria do espelho", que trabalha com a idéia de que o jornalismo seria uma reprodução fiel da realidade, e a informação jornalística seria a imagem dos acontecimentos. Traquina contesta tal teoria, argumentando que existem vários fatores que constituem o processo de se fazer notícias e que interferem na transmissão dos fatos.

A existência dos chamados critérios de noticiabilidade, a dependência das fontes, a rede noticiosa, os destaques dados para determinados assuntos e editoriais são alguns exemplos dos fatores que impedem o jornalismo de ser uma cópia fiel da realidade. Traquina afirma serem as notícias o fruto da percepção, da seleção e da transformação de uma matéria-prima, que são os acontecimentos. Para elaborar um produto final, por exemplo, um radiojornal, os jornalistas esbarram em condicionantes como o tempo e o espaço, desafios ao processo de produção de notícias.

Em seus estudos sobre as novas tendências da pesquisa sobre os *mass media*, Mauro Wolf (2001) destaca que os recentes trabalhos sobre a produção de notícias relacionam a imagem da realidade social, fornecida pelos meios de comunicação, com a organização e a produção rotineira dos aparelhos jornalísticos. O *newsmaking* estuda justamente os critérios de importância e noticiabilidade que influenciam o processo de produção de notícias.<sup>1</sup>

O fazer jornalístico relaciona-se, também, com a própria forma como o homem constrói a realidade social via linguagem. Trata-se de um processo dinâmico. Os sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann (1985) afirmam que, a partir da interação social, o homem cria sua própria natureza. Para os autores, o homem é também fundador da linguagem e, por intermédio dela, constrói socialmente a realidade que o cerca. Se a realidade é fruto da linguagem e se a comunicação é a expressão máxima do desenvolvimento da linguagem, o

---

<sup>1</sup> Entende-se por *newsmaking* os estudos sobre as rotinas produtivas que permitem um fato se tornar notícia.

jornalismo, inserido nos processos comunicacionais, pode criar a realidade por meio da utilização da linguagem.

A importância da linguagem como característica que marca a natureza humana e o diferencia dos animais remete à crescente influência dos meios de comunicação na modernidade. Nesse sentido, Adriano Duarte Rodrigues (1993) afirma que o mundo moderno destituiu o referencial mítico presente nas sociedades tradicionais. Segundo o autor, sem a segurança e as explicações para a realidade que o cerca, o homem encontra nos *media* esse referencial perdido, pois o discurso midiático organiza a experiência do aleatório e lhe confere racionalidade.

Esta pesquisa, portanto, parte da curiosidade em desvendar toda essa complexidade que envolve o fazer jornalístico e, mais especificamente, o processo de produção da notícia. Um estudante de jornalismo deve ter claro para si, desde o momento em que inicia seu curso, ou já antes dele, se possível, que o primeiro e, senão, o principal produto da atividade jornalística, é a notícia. A vida acadêmica possibilita-nos o aprendizado teórico, técnico e ético do processo de construção de notícias. No entanto, mesmo que tentem, da maneira mais profissional, reproduzir o processo de produção de notícias de um veículo de comunicação, os cursos de jornalismo não transmitem ao estudante a verdadeira dinâmica do processo. E, como a prática se estrutura diferentemente da teoria, surgem as dúvidas sobre como ocorre, na realidade diária de uma redação de jornal, a construção do noticiário.

É nesse ponto que se enraíza a relevância acadêmica desta pesquisa. Descobrir como a notícia é construída a partir da transformação de um fato em acontecimento torna-se uma questão interessante para se compreender o papel da mídia como construtora da realidade.<sup>2</sup> O estudo também assume uma importância social no sentido em que busca esclarecer os significados que possuem uma informação que é socialmente construída. Por ser a mídia a

---

<sup>2</sup> Parte-se da concepção de acontecimento como um fato improvável que rompe a rotina monótona e racional da sociedade e, por essa razão, merece ser noticiado.

grande organizadora dos eventos e das discussões da atualidade, a chamada ágora moderna, os meios de comunicação têm responsabilidade sobre a informação que destina ao público e sobre a assimilação da realidade, que se faz a partir dos noticiários.

Com o objetivo de analisar o processo de produção de notícias em rádio, a presente pesquisa propôs-se a acompanhar, dentro da redação de uma emissora, o modo como é feito um radiojornal até o momento em que ele é colocado no ar. Este trabalho foi realizado durante seis edições, entre os dias 22 a 27 de agosto de 2005. No entanto, o contato com a rotina produtiva da emissora e com os jornalistas que nela trabalham gerou constrangimentos que poderiam interferir nos resultados da pesquisa. Para preservar as fontes, optou-se por não mencionar o nome da rádio na qual foi feita a observação participante.

Em função disso, foi criada por esta pesquisa a fictícia *Rádio Utopia* e seu também *Jornal Utópico*. A escolha do nome da emissora e do radiojornal deve-se ao sentido da palavra “utopia”, que, entre outros significados, denota a idéia de uma fantasia, um projeto irrealizável. Isso condiz com a hipótese central deste trabalho, segundo a qual o jornalismo é uma construção social e, que ser o espelho da realidade, é um estágio inatingível. Também parte-se da hipótese secundária de que o processo de produção de notícias em um radiojornal é determinado por condicionantes da rotina produtiva do jornalismo.

A monografia é dividida em cinco capítulos. No primeiro deles, é abordada a questão do fazer jornalístico atrelado à construção social da realidade via linguagem. O segundo capítulo traz os novos paradigmas que têm norteado as pesquisas em Comunicação que contestam a chamada teoria do espelho. O perfil do rádio como veículo de comunicação e suas principais características atreladas à transmissão de informação constituem a discussão do terceiro capítulo. No quarto capítulo, são apresentadas as particularidades da notícia produzida em rádio. Por fim, o quinto capítulo traz uma sistematização dos fatores

condicionantes da produção de notícias do *Jornal Utópico* e do universo jornalístico construído pela Rádio *Utopia*.

# **1 O FAZER JORNALÍSTICO E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE**

## ***1.1 A construção social da realidade via linguagem***

Ao definir o processo de produção da notícia no rádio como a temática desta pesquisa, parte-se da concepção de que a notícia é resultado de critérios de seleção e hierarquização, vinculados não somente aos princípios do jornalismo, como também a questões relativas ao próprio contexto social, além das implicações das rotinas de produção. Nesta perspectiva, a linguagem utilizada na criação e veiculação das mensagens jornalísticas traz características singulares de cada meio de comunicação. Em função disso, é fundamental remeter às contribuições da Sociologia do Conhecimento, que compreende a linguagem como um processo de construção social do real.

A linguagem, além disso, implica em constituir formas de conhecimento e de apreensão do mundo. Nesse sentido, adquirir e transmitir conhecimento por meio da construção de um universo simbólico é uma característica da racionalidade humana. Esse critério básico difere o homem dos outros animais e marca sua evolução. Criador dos processos objetivos e subjetivos que o cerca, o homem também cria sua própria natureza a partir da interação social. Os sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann (1985), afirmam que o que caracteriza o homem é a sua abertura para o mundo. Os autores apontam que o homem se constrói a si mesmo, o que não é um processo que ocorre de forma isolada, é sempre, e necessariamente, um empreendimento social.

Construtor de sua própria realidade, o homem é também produtor de conhecimento. O mais eficiente e, talvez, o mais complexo instrumento criado pelo homem para armazenar e transmitir seu conhecimento a outros indivíduos e às futuras gerações é a linguagem. Por meio dela, o homem produz cultura e estrutura-se socialmente. A linguagem, fruto da criação

humana, passa, assim, a condicionar a própria existência do indivíduo em sociedade. Nas palavras dos autores, a ação do homem, coletivamente, engendra a sociedade, que, por sua vez, determina os indivíduos. Funda-se, nessas idéias, a relação dialética do homem com o mundo proposta por Berger e Luckmann: o homem é produto do meio social, de uma realidade objetiva, mas é também produtor da ordem social, de uma realidade subjetiva.

Para garantir a estabilidade dessa ordem social, o homem passa por processos de socialização, que legitimam a conduta humana. Logo na infância, o indivíduo é levado a interiorizar valores apreendidos como inevitáveis e maciços, através de processos fundamentalmente emocionais. Segundo os autores, o que o indivíduo conhece como realidade objetiva nada mais é do que o conjunto de informações e definições que lhe são transmitidas pelos “outros significativos” (pai, mãe, irmãos etc), com os quais ele se identifica. A interiorização desses valores só se realiza quando há identificação e, se o indivíduo identifica-se com esses primeiros “outros significativos” que surgem na família, o processo de interiorização da realidade socialmente construída torna-se mais eficaz.

A criança interioriza o mundo que lhe é apresentado como sendo o único existente e concebível. Mas essa interiorização da realidade, da identidade e da sociedade não está acabada definitivamente. De acordo com Berger e Luckmann, o processo de socialização é contínuo e parcial. Passa-se, então, para o estágio da socialização secundária, que se estende por toda a vida do indivíduo num processo de reconhecimento dos papéis estratégicos que cada homem assume na sociedade. Como afirmam os teóricos, a socialização secundária é a aquisição de conhecimento de funções específicas, funções diretamente ou indiretamente com raízes na divisão do trabalho.

Apesar de a realidade socialmente construída ser, inicialmente, apreendida como a única existente, Berger e Luckmann apontam para a presença contínua de uma possível mudança dessa realidade subjetiva previamente definida. Quando a socialização primária não

dá mais conta de explicar e sustentar a realidade que se descortina diante dos olhos do indivíduo, os “outros menos importantes”, denominação para os agentes da socialização secundária criada por Berger e Luckmann, dialogam com os “outros significativos”, agentes da socialização primária, para auxiliar a conservação da realidade. Eles afirmam que o veículo fundamental da conservação da realidade é a conversa. É também através da conversa, ou melhor, da comunicação, que se torna possível desconstruir a realidade erguida socialmente. É partindo-se da linguagem, máximo instrumento da comunicação humana, que se pode operar qualquer mudança social. Para Berger e Luckmann, existem três pressupostos básicos para a análise do mundo social: a sociedade é um produto humano; a sociedade é uma realidade objetiva; e o homem é um produto social.

Entretanto, se é o próprio homem quem cria a realidade e constrói uma linguagem para legitimá-la, e vice-versa, já que uma esfera funda a outra numa relação dialética, o homem também pode desconstruir a realidade vigente através da comunicação. A partir dos poderosos processos comunicativos de moldura da realidade, é possibilitado ao homem construir, desconstruir e reconstruir a si mesmo. E, se a informação, produto do processo comunicacional que é o jornalismo, trata da transmissão mediada da realidade, pode-se dizer que ela também é construída socialmente.

## ***1.2 O poder da linguagem***

Apesar do clichê em que se transformou esta frase, não podemos negar sua veracidade: “quem detém a informação detém o poder”. E, para gerar a informação, o homem criou a linguagem. Poderíamos dizer, então, que quem sabe articular a linguagem detém o poder. Os processos comunicacionais, especialmente o jornalismo, lidam diariamente com a produção

de informação por meio da propagação da linguagem e, portanto, podem ser considerados instrumentos de controle e exercício de poder.

Ora, o que é uma informação? Não é nada complicado, todos o sabem: uma informação é um conjunto de palavras de ordem. Quando nos informam, nos dizem o que julgamos que devemos crer. Em outros termos, informar é fazer circular uma palavra de ordem. As declarações da polícia são chamadas, a justo título, comunicados. Elas nos comunicam informações, nos dizem aquilo que julgamos que somos capazes ou devemos ou temos a obrigação de crer. Ou nem mesmo crer, mas fazer como se acreditássemos. Não nos pedem para crer, mas para nos comportar como se crêssemos. Isso é informação, isso é comunicação; à parte essas palavras de ordem e sua transmissão, não existe comunicação. O que equivale a dizer que a informação é exatamente o sistema de controle (DELEUZE, 1999, p. 05 *apud* GOMES, 2000, p. 55).

Em sua forma de conceber a linguagem e, conseqüentemente, a relação dessa com o poder, Roland Barthes<sup>3</sup> (1978) afirma que todo discurso é ideológico e traz a idéia de poder. Segundo o semiologista, o poder mora no interior do próprio discurso, faz parte da sua arquitetura textual, e todo dispositivo de enunciação é um dispositivo de poder.

(...) o poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos libertadores que tentam contestá-lo. (...) o poder é o parasita de um organismo trans-social, ligado à história inteira do homem, e não somente à sua história política, histórica. Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda a eternidade humana, é: a linguagem – ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua” (BARTHES, 1978, p. 11-12 *apud* RIBEIRO, 2005, p. 08).

---

<sup>3</sup> Roland Barthes é um dos fundadores da Semiologia – ciência que estuda os signos, ou seja, as diferentes formas de linguagem, não só verbal, mas as mensagens visuais, gestuais, entre outras. A Semiologia foi criada na França na década de 1960.

### 1.3 O narrador jornalístico, a narrativa do real e a construção da realidade

Para ser narrativa do real, assim como se pretende, o jornalismo precisa de um narrador que leve a mensagem ao público. No ensaio *Reflexões sobre o jornalismo como narrativa do real*, Bruno Souza Leal (2002) desconstrói a idéia de objetividade jornalística ao focar o papel central do narrador na (re)construção do real. Silviano Santiago<sup>4</sup> (1989), citado por Leal, define o narrador jornalístico como aquele que “transmite uma ‘sabedoria’ que é decorrente da observação de uma vivência exterior a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva de sua experiência” (SANTIAGO, 1989, p. 40 *apud* LEAL, 2002, p. 11).

Entretanto, como aponta Leal, a afirmação de Silviano Santiago ainda é “tímida” ao se pensar na dimensão da produção jornalística contemporânea, a qual não permite que o narrador, muitas vezes, realize essa vivência exterior.

Muitos textos encontrados em veículos jornalísticos são elaborados a partir do *press-releases*, da apropriação de dados da internet, da reciclagem dos informativos de agências de notícias. Nesses casos, no espaço exíguo de um compartimento de escritório, profissionais nem sempre especializados relatam a experiência de lugares e situações que nem mesmo compreendem. Trata-se de uma acentuação do fenômeno percebido por Santiago: narra-se o que é narrado por aquele que *talvez* tenha observado o que narra (LEAL, 2002, p. 12).

De acordo com Leal, mesmo sendo uma narrativa, o jornalismo precisa de autenticidade para ser crível. Para a atividade, essa autenticidade não pode nunca ser posta em dúvida, sob o risco de descrédito. “Afim, a narrativa jornalística justifica sua existência, em contraposição com a literária, na possibilidade de registro do real” (LEAL, 2002, p. 12).

---

<sup>4</sup> SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.38-52.

Apropriando-se da teoria da construção social da realidade proposta por Berger e Luckmann, Leal afirma que, no jornalismo, essa construção é pensada considerando-se a interferência do jornalista na realidade que deveria apenas ser descrita, documentada e registrada pelo narrador jornalístico. “Tudo isso pressupõe a existência de um fato, de um acontecimento, anterior ao trabalho de repórter, cuja tarefa é, então, recuperá-lo em sua complexidade e, depois, narrá-lo” (LEAL, 2002, p. 12). O autor afirma que o fato, ao ser narrado, transforma-se em notícia, que não é a realidade pura e nem mesmo uma crônica do real, mas sim a produção de discursos, baseados em acontecimentos, para determinados públicos, ao sabor das contradições, transformações e relações de poder que marcam uma sociedade, numa determinada época.

#### ***1.4 O acontecimento jornalístico***

A construção social da realidade humana está diretamente relacionada aos processos comunicativos. O jornalismo, ao se constituir numa das áreas mais importantes do campo da comunicação, contribui e acentua esse fenômeno ao transmitir os fatos da realidade social. Ao buscar o lugar e a função do jornalismo na sociedade, Adriano Duarte Rodrigues (1993) afirma que o mundo moderno destituiu o referencial mítico presente nas sociedades tradicionais e “considerou-o como a cegueira de razão iluminada, como o entrave ao conhecimento positivo da ciência” (RODRIGUES, 1993, p. 33). Sem a segurança e as explicações para a realidade que o cerca, o homem encontra nos *media* esse referencial perdido. “O discurso dos *media* surge para organizar a experiência do aleatório e lhe conferir racionalidade” (RODRIGUES, 1993, p. 33).

Rodrigues busca definir e caracterizar o chamado acontecimento jornalístico. Segundo o autor, “acontecimento” é um fato improvável que rompe a rotina monótona e racional da

sociedade e, por essa razão, merece ser noticiado. “Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização” (RODRIGUES, 1993, p. 27).

Para o autor, a probabilidade de um acontecimento ser noticiado é inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência. Rodrigues ressalta que há vários registros da notabilidade dos fatos. Há os que se destacam pelo excesso, isto é, os que surgem excessivamente sobre o comportamento da natureza, instituições ou sobre indivíduos. Há os que se destacam pela falha, que “procede por defeito, por insuficiência no funcionamento normal e regular dos corpos” (RODRIGUES, 1993, p. 28). E, por último, há os que se destacam pela inversão, que são todos aqueles que se invertem na rotina. Para exemplificá-los, o autor cita a máxima sobre a noticiabilidade em jornalismo: “um cão que morde um homem não é um fato jornalístico, mas se um homem morder um cão então estamos perante um facto susceptível de se tornar notícia” (RODRIGUES, 1993, p. 27).

Adriano Duarte Rodrigues afirma que o discurso do acontecimento é uma anti-história, por pertencer “ao mundo do acidente que deixa vestígios e altera a substância do mundo das coisas, das pessoas e instituições” (RODRIGUES, 1993, p. 29). Segundo o autor, no mundo moderno, a notícia é o negativo da racionalidade, já que o racional tem, em sua essência, a previsibilidade, e o acontecimento é exatamente tudo o que foge a ela.

Fenômeno que surge em função da própria existência do jornalismo e ressaltado por Rodrigues é o “meta-acontecimento”, que faz com que o discurso jornalístico abasteça o próprio jornalismo. Citando um exemplo de veiculação de casos de violência, Rodrigues aponta que “não é a morte nem a violência reais que os meta-acontecimentos visam, mas o direito à visibilidade, à encenação” (RODRIGUES, 1993, p. 30).

O autor afirma que esse fenômeno é regido pelo mundo simbólico e não pela ordem natural dos acontecimentos. O radical *meta*, proveniente do termo metalinguagem, que

significa falar de si próprio, é bem colocado por Rodrigues ao abordar os acontecimentos que surgem na mídia e que servem de notícia para ela própria. Um bom exemplo seria um jogo de futebol que está sendo coberto por vários veículos de mídia, no qual um torcedor invade o gramado e agride os jogadores. O jogo que, a princípio, é o objeto de interesse do jornalismo, torna-se o fato noticiável em si.

Ainda tratando sobre o meta-acontecimento, Rodrigues se propõe a diferenciar os atos ilocutórios e perlocutórios. O autor explica que, ao ser relatado, é criado o chamado ato ilocutório. Esses atos são carregados de valores como credibilidade, clareza, sinceridade, justiça, coerência, correção, satisfação e aceitação, e sua própria forma de apresentação gera distorções na ordem do acontecimento. “Os atos ilocutórios não estão apenas sujeitos aos valores de verdade ou falsidade [...], estão também subordinados aos valores inerentes à credibilidade e à sinceridade do locutor” (RODRIGUES, 1993, p. 31).

Rodrigues aponta a existência dos atos perlocutórios. “Dos atos, além de fazerem aquilo que fazem enquanto são também uma locução (isto é, enquanto dizem qualquer coisa), produzem qualquer coisa ‘pelo fato de’ dizerem” (AUSTIN, 1970, p. 181 *apud* RODRIGUES, 1993, p. 31). Tudo o que é noticiado ganha repercussão e valorização dentre os demais acontecimentos exatamente pela visibilidade dada.

### ***1.5 Os critérios de noticiabilidade***

A probabilidade de ocorrência, no entanto, é apenas um dos critérios que definem a noticiabilidade de um acontecimento. Em seus estudos sobre o *newsmaking*, os critérios de importância e noticiabilidade que definem a aptidão de um fato em se tornar notícia, Mauro Wolf (2001) aponta a cultura profissional do jornalista e as restrições ligadas à organização do trabalho como as raízes desses critérios.

Noticiabilidade é definida por Wolf como o “conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (WOLF, 2001, p. 190).

A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é “excluído”, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional. Não adquirindo o estatuto de notícia, permanece simplesmente um acontecimento que se perde entre a “matéria-prima” que o órgão de informação não consegue transformar e que, por conseguinte, não irá fazer parte dos conhecimentos do mundo adquiridos pelo público através das comunicações de massa [...]. Todavia, a noticiabilidade de um facto é, em geral, avaliada quanto ao grau de integração que ele apresenta em relação ao curso, normal e rotineiro, das fases de produção (WOLF, 2001, p. 190).

A barreira que separa um fato noticiável de outro que não se encaixa nos critérios de noticiabilidade, depende, também, dos interesses dos jornalistas e dos donos de empresas jornalísticas e da disponibilidade dos recursos de produção. “A definição e a escolha daquilo que é noticiável – em relação àquilo que, pelo contrário, não o é – são sempre orientadas pragmaticamente, isto é, em primeiro lugar, para a ‘factibilidade’ de produto informativo a realizar em tempos e com recursos limitados” (ALTHEIDE, 1976, p. 179 *apud* WOLF, 2001, p. 191).

Segundo Wolf, um componente fundamental que deve ser agregado ao conceito de noticiabilidade é o de valor notícia. “Esses valores constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (WOLF, 2001, p. 195). Para o autor, os valores notícia atuam de maneira peculiar:

(...) a seleção das notícias é um processo de decisão e de escolha *realizado rapidamente* [...]. Os critérios devem ser fáceis e rapidamente aplicáveis, de forma que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão [...]. Por outro lado, os critérios devem ser *flexíveis* para poderem adaptar-se à infinita variedade de acontecimentos disponíveis [...]. Os critérios devem também ser facilmente *racionalizados* para que, no caso de uma notícia ser substituída por outra, haja sempre disponível um motivo aceitável para tal substituição. Finalmente, mas não menos importante, os critérios são *orientados para a eficiência*, de forma a garantirem o necessário reabastecimento de notícias adequadas, com o mínimo dispêndio de tempo, esforço e dinheiro (GANS, 1979, p. 82 *apud* WOLF, 2001, p. 197).

Wolf ressalta que, ainda sobre os valores notícia, é importante dizer que possuem um caráter dinâmico. Eles mudam com o tempo e se adaptam às necessidades e interesses de determinada época. O autor afirma que existem temas que sempre terão valor como notícia, por exemplo, “os temas cobertos por um especialista terão (assim) uma presença garantida nos noticiários” (GOLDING-ELLIOTT, 1979, p. 99 *apud* WOLF, 2001, p. 200).

## 2 UM NOVO OLHAR TEÓRICO SOBRE O JORNALISMO

Ao compreender o jornalismo como um processo de (re)construção do real, partindo da concepção da Sociologia do Conhecimento, pôde-se destacar o papel fundamental da linguagem na construção das notícias e as relações de poder inerentes ao ato comunicativo. Além disso, identificou-se o *status* do narrador no jornalismo a partir do seu papel estratégico de servir de mediador do mundo social, tendo como função selecionar e hierarquizar determinados fatos em função dos chamados critérios de noticiabilidade.

Tais questões apontam para mudanças substanciais na forma de compreensão do fazer jornalístico. Por isso, num segundo momento, será traçado um panorama das teorias do jornalismo, enfatizando as correntes contemporâneas que lançam um novo olhar sobre o processo de produção da notícia.

### ***2.1 Críticas à Teoria Funcionalista***

Em jornalismo, as notícias oferecem um recorte da realidade. Ao se apropriar dos fatos do cotidiano e oferecê-los ao público por meio de uma mensagem jornalística, há a identificação dessa com a própria realidade, como se as notícias fossem um “retrato do real”. Tal concepção é criticada por diversos pensadores do fenômeno da comunicação que bebem na fonte dos estudos da Sociologia do Conhecimento e, como Berger e Luckmann, acreditam que a realidade é construída socialmente.

### 2.1.1 A teoria do espelho

Apesar de os autores Adriano Duarte Rodrigues e Mauro Wolf explicarem a complexidade que envolve o fazer jornalístico, principalmente na definição do que é notícia e o que define os critérios de noticiabilidade, ainda está muito presente no jornalismo o mito da objetividade. Os manuais de redação e muitos autores trabalham com a concepção de que é possível fazer uma reprodução fiel dos fatos, da realidade. Nesse sentido, o jornalismo seria um "espelho" da realidade.

Tal concepção da objetividade jornalística está relacionada aos pressupostos da Teoria Funcionalista da Comunicação, que sintetiza a idéia de que o jornalismo, como um subsistema da sociedade entendida como organismo, e dotado de uma função social, poderia analisar os fatos da realidade com neutralidade, distanciamento e desinteresse. O funcionalismo desenvolveu-se a partir da concepção positivista iniciada no século XIX por Auguste Comte, na qual o sociólogo Émile Dürkheim se baseou para elaborar “o pressuposto da existência de ‘conexões causais’ [...], distinguindo-se do positivismo comteano que somente admitia a formulação de leis que representassem a repetibilidade e a regularidade dos fenômenos” (GENRO FILHO, 1989, p. 31). Segundo Adelmo Genro Filho, o norte-americano Talcott Parsons foi um dos responsáveis pela definição e sistematização das teorias de Dürkheim e pode ser considerado um nome clássico do funcionalismo.

A concepção de Dürkheim da análise funcional está estreitamente ligada à sua tentativa de proporcionar critérios para distinguir a normalidade da patologia social [...]. Para Dürkheim, uma noção dessa natureza separa em demasia a ciência da prática. O que a ciência pode fazer é discernir e estudar as condições do funcionamento normal do sistema orgânico e do social, identificando patologias e indicando medidas práticas apropriadas para restaurar a saúde. Podemos descobrir, de acordo com Dürkheim, ‘critérios objetivos, inerentes aos próprios fatos’ do que é normal e do que é patológico (GIDDENS, 1978: 28 *apud* GENRO FILHO, 1989, p. 32).

Para Genro Filho, o método de Dürkheim que, por exemplo, compara o sangue de um homem ao sangue de um lagarto, para suscitar uma comparação análoga entre a biologia e a sociologia, “coisifica” a sociedade humana. “Aliás, foi ele mesmo quem afirmou [...] que os fatos sociais precisam ser tratados como ‘coisas’, isto é, as relações sociais devem ser consideradas como se fossem pura objetividade, fora do processo histórico de autoprodução humana” (GENRO FILHO, 1989, p. 32).

Em seus estudos sobre os *mass media*, Mauro Wolf afirma que a Teoria Funcionalista “é a explicitação das *funções* exercidas pelo sistema das comunicações de massa” (WOLF, 2001, p. 62).

A teoria funcionalista ocupa uma posição muito precisa que consiste na definição da problemática dos *mass media* a partir do ponto de vista da sociedade e do seu equilíbrio, da perspectiva do funcionamento do sistema social no seu conjunto e do contributo que as suas componentes (*mass media* incluídos) dão a esse funcionamento. Já não é a dinâmica interna dos processos comunicativos (como é típico, sobretudo, da teoria psicológico-experimental) que define o campo de interesse de uma teoria dos *mass media*, é a dinâmica do sistema social e o papel que nela desempenham as comunicações de massa (WOLF, 2001, p. 63).

Os diversos atores e instituições sociais desempenham papéis no sentido de manter a estabilidade, a integração, o equilíbrio, a sobrevivência e o *status quo* do sistema orgânico. “A idéia-força desta concepção reside na afirmação de que o organismo social é um tecido de inter-relações entre órgãos e funções que respondem a certas necessidades fundamentais e que asseguram, assim, seu futuro” (THOMAS, 1974, p. 167 *apud* GENRO FILHO, 1989, p. 33).

### **2.1.2 O mito da objetividade**

Pela visão sociológica de Dürkheim, fundamentada nas ciências naturais, os fatos e as relações sociais podem e devem ser analisados com objetividade. Sobre esse conceito,

sustenta-se um mito que permeia a atividade jornalística: o mito da objetividade. Autores e jornalistas, mesmo afirmando não acreditarem na objetividade plena no jornalismo, acabam criando manuais ou regras básicas que têm um fundo funcionalista. Essa é a crítica de Adelmo Genro Filho (1989). Um dos autores que tem essa concepção é o jornalista Clóvis Rossi, que pode ser observada nitidamente em seu livro *O que é jornalismo?*. Clóvis Rossi (1980) afirma ser o jornalismo “uma batalha pela conquista de mentes e corações”. No entanto, essa batalha deve ser travada sem apelos e sem o emprego de métodos subjetivos para atrair seu público alvo. “A imprensa, de acordo como o mito da objetividade, deveria colocar-se numa posição neutra e publicar tudo o que ocorresse, deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões” (ROSSI, 1980, p. 9).

Rossi aponta para a dificuldade e, até mesmo, a quase impossibilidade de se atingir a objetividade nas coberturas jornalísticas. “De qualquer forma, a objetividade continua sendo um dos principais parâmetros na linha editorial dos principais veículos de comunicação do Brasil” (ROSSI, 1980, p. 11). Para confirmar sua afirmação, o autor cita o Manual de Redação do jornal *Folha de S. Paulo* que, segundo ele, foi o primeiro livro-texto oficial a reconhecer as dificuldades para a prática da objetividade. “Não existe objetividade em jornalismo. Ao redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma uma série de decisões que são em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções” (MANUAL DE REDAÇÃO, 1987 *apud* ROSSI, 1980, p. 13). Ainda citando o Manual, Rossi indica, contudo, qual deve ser a busca constante do jornalista em relação aos fatos: “Isso, (a inexistência da objetividade) não o exime, porém, da obrigação de procurar ser o mais objetivo possível. [...] O jornalista deve procurar vê-los com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse” (MANUAL DE REDAÇÃO, 1987 *apud* ROSSI, 1980, p. 13).

O estudioso das teorias e questões pertinentes ao fazer jornalístico, Nelson Traquina (1993, 2001) contesta a existência da objetividade em jornalismo. Segundo o autor, o processo de transformação de um fato em notícia é mediado por profissionais e suas rotinas de trabalho, que interferem e modificam o fato.

Traquina (1993) pontua os dois momentos históricos em que se desenvolveram a concepção de “comunicador desinteressado”, na qual o jornalista é visto como um “observador neutro, desligado dos acontecimentos e cauteloso em não emitir opiniões pessoais” (TRAQUINA, 1993, p. 167). O primeiro momento surge em meados do século XIX com o chamado “Novo Jornalismo”, que separa fatos e opiniões. A frase de um correspondente em Washington da agência de notícias *Associated Press* é a máxima dessa corrente: “O meu trabalho é comunicar fatos: as minhas instruções não permitem qualquer tipo de comentários sobre os fatos, sejam eles quais forem” (READ, 1976, p. 108 *apud* TRAQUINA, 1993, p. 167).

O segundo momento ocorre no século XX com o surgimento do conceito de objetividade nos anos de 1920 a 1930 nos Estados Unidos. Pela ótica dos estudos da época, “as notícias são vistas como emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real, bastando ao jornalista ser o espectador do que se passa transmitindo-o fielmente” (TRAQUINA, 1993, p. 168). O autor denomina essa corrente de “teoria do espelho”, que trabalha com a idéia de que o jornalismo seria uma reprodução fiel da realidade, e a informação jornalística seria a imagem dos acontecimentos. Traquina contesta tal teoria, argumentando que existem vários fatores que constituem o processo de se fazer notícias e que interferem na transmissão dos fatos.

Certamente as notícias são um produto centrado no referente onde a invenção e a mentira são violações das mais elementares regras jornalísticas. Assim, o referente, ou seja, *a realidade*, não pode deixar de ser um fator determinante do conteúdo jornalístico (TRAQUINA, 2001, p. 68).

Traquina estabelece uma crítica ao caráter pobre e insuficiente da aceitação do jornalismo como cópia da realidade. “A teoria do espelho [...] tem sido posta em causa repetidamente em inúmeros estudos sobre o jornalismo, e, na maioria dos casos, sem qualquer intuito de pôr em causa a integridade dos seus profissionais” (TRAQUINA, 2001, p. 68).

Um dos estudos que questionam a existência da objetividade em jornalismo e, conseqüentemente, da teoria do espelho, é o de Adelmo Genro Filho. O pensamento de Genro Filho está baseado na idéia de que o jornalismo deve ser imparcial, mas também deve interpretar os fatos e guiar seu público. Em sua crítica à teoria funcionalista, o autor, indiretamente, reafirma a concepção de que a realidade é socialmente construída, proposta por Berger e Luckmann. Para Genro Filho, a notícia, como unidade básica de informação no jornalismo, é também uma construção social e, portanto, não pode ser objetiva. “O material do qual os fatos são constituídos é objetivo, pois existe independente do sujeito. O conceito de fato, porém, implica a percepção social dessa objetividade, ou seja, na significação dessa objetividade pelos sujeitos” (GENRO FILHO, 1989, p. 186). O autor cita algumas teses para comprovar a inexistência da objetividade:

- a) A própria realidade objetiva é, em certa medida, indeterminada [...].
- b) O conhecimento constitui-se como processo infinito [...].
- c) Os sujeitos humanos, com sua margem de arbítrio sobre o curso dos fenômenos, participam conscientemente na indeterminação objetiva do universo [...].
- d) A relação sujeito-objeto é uma relação na qual o sujeito não só produz o seu objeto como também é produzido por ele [...].
- e) Os fatos jornalísticos são um recorte no fluxo contínuo, uma parte que, em certa medida, é separada arbitrariamente do todo (GENRO FILHO, 1989, p. 187-188).

Segundo Genro Filho, por trás da objetividade jornalística, esconde-se uma ideologia burguesa que reproduz e confirma as relações capitalistas. É nesse ponto que se concentra a crítica de Genro Filho às afirmações de Clóvis Rossi. Para Genro Filho, Rossi considera o capitalismo como modo normal e aceitável de sociedade. “O que Rossi não percebe – porque teoriza a partir do ‘senso comum’ da ideologia burguesa e da sua relação pragmática com as

técnicas jornalísticas – é que os próprios fatos, por pertencerem à dimensão histórico-social, não são puramente objetivos” (GENRO FILHO, 1989, p. 49).

Essa objetividade implica uma compreensão do mundo como um agregado de “fatos” prontos e acabados, cuja existência, portanto, seria anterior a qualquer forma de percepção e autônoma em relação a qualquer ideologia ou concepção de mundo. Caberia ao jornalista, simplesmente, recolhê-los escrupulosamente como se fossem pedrinhas coloridas. Essa é uma visão ingênua [...], possui um fundo positivista e funcionalista (GENRO FILHO, 1989, p. 188).

Para Genro Filho, o maior erro dos autores que reconhecem a impossibilidade da objetividade plena, mas atribuem a isso uma limitação humana diante da própria subjetividade, é que eles não percebem “essa impossibilidade como um sinal da potência subjetiva do homem diante da objetividade” (GENRO FILHO, 1989, p. 186).

Em sua análise sobre as noções de objetividade dos jornalistas, Gaye Tuchman (1993) critica a visão funcionalista dos meios de comunicação. Tuchman argumenta que a objetividade é um ritual estratégico que protege os profissionais de jornalismo dos riscos de sua profissão, inclusive dos críticos. “Atacados devido a uma controversa apresentação de ‘fatos’, os jornalistas invocam a sua objetividade quase do mesmo modo que um camponês mediterrâneo põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos” (TUCHMAN, 1993, p. 75).

Segundo Tuchman, existem fatores que influenciam a objetividade dos jornalistas: a forma das notícias, as relações interorganizacionais do jornalista com a empresa e o conteúdo da mensagem noticiosa. Na visão de Tuchman, a objetividade jornalística é vista como um ritual porque é um processo de rotina cuja adesão é frequentemente obrigatória. “Os jornalistas invocam os procedimentos rituais para neutralizar potenciais críticas e para seguirem rotinas confinadas pelos limites cognitivos da racionalidade” (TUCHMAN, 1993, p. 75).

## 2.2 Teorias contemporâneas e o processo de produção de notícia

A partir das décadas de 1960 e 1970, os estudos acadêmicos sobre jornalismo foram marcados pelo surgimento de duas teorias que partilham o novo paradigma das notícias como construção social: as teorias estruturalista e etnoconstrucionista. Elas complementam-se, mas divergem em alguns pontos.

Ambas as teorias rejeitam a *teoria do espelho* e criticam o *empiricismo ingênuo* dos jornalistas. Para ambas as teorias, as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da *comunidade profissional*, dentro e fora da sua organização (TRAQUINA, 2001, p. 85).

Dentre os pontos de convergência das duas teorias, citados por Nelson Traquina (2001), estão o reconhecimento dos constrangimentos organizacionais para o trabalho dos jornalistas, a afirmação de que o conhecimento do processo jornalístico dentro de uma empresa ocorre por “osmose”, a aceitação da importância da cultura jornalística e da ideologia dos membros da comunidade para a realização do trabalho e a contestação da postura passiva dos jornalistas diante da observação dos acontecimentos. “Ao contrário, são de fato participantes ativos na construção da realidade” (TRAQUINA, 2001, p. 86).

Sendo uma construção, ambas as teorias reconhecem que as notícias são narrativas, ‘estórias’, marcadas pela cultura dos membros da tribo e pela cultura da sociedade onde estão inseridos, sendo necessário mobilizar todo um *saber de narração*, que pressupõe a aprendizagem da linguagem jornalística, ou, na expressão de E. Barabar Philips (1976/1993), o *jornalês*, e o domínio de todo um *inventário de discurso*. [...] Ambas chegam a conclusões semelhantes em relação ao papel político das notícias. Para as duas teorias, a conexão entre fontes e jornalistas faz das notícias uma ferramenta importante do governo e das autoridades e as notícias, em geral, tendem a apoiar as interpretações oficiais dos acontecimentos controversos (TRAQUINA, 2001, p. 86-114).

A teoria estruturalista afirma que as notícias são um produto social resultante de vários fatores, como as rotinas de produção, a organização burocrática dos meios de comunicação, os valores notícia e a visão institucional e estrutural que o jornalista tem da sociedade. A visão estruturalista ressalta o papel dos *primary definers*, as fontes oficiais, que causam dependência no processo de produção de notícias.

A estrutura dos chamados *primary definers* é encarada de uma forma atemporal e imutável; a relação entre os chamados *primary definers* e os profissionais do campo jornalístico é encarada como uma relação unidirecional: os chamados *primary definers* comandam a ação (TRAQUINA, 2001, p. 94).

O pressuposto fundamental da teoria etnoconstrucionista é de que a notícia, ao trazer um fato ocorrido para o tempo presente, também participa da sua construção e, assim, atua no processo de instituição da realidade. Segundo Traquina, "as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto (as notícias)" (TRAQUINA, 2001, p. 94). Conhecida, ainda, como teoria interacionista, ela ressalta a importância da interação dos agentes no processo, método espelhado na observação participante, oriundo das pesquisas antropológicas.

Em sua análise sobre o etnoconstrucionismo, Traquina aborda os condicionantes da produção de notícias. O autor cita as formas literárias e as narrativas utilizadas pelos jornalistas para transformar um acontecimento em notícia. A estrutura da pirâmide invertida é citada como exemplo:

A ênfase dada à resposta às perguntas aparentemente simples: quem? o quê? onde? quando?, a necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento – processo aliás orientado pela narrativa escolhida – são alguns exemplos de como a notícia, criando o acontecimento, constrói a realidade (TRAQUINA, 1993, p. 168).

Segundo Traquina, os constrangimentos organizacionais condicionam o processo de produção de notícias na medida em que o jornalista é um profissional ligado e subordinado a uma empresa. Sobre esse ponto, o autor cita Walter Gieber: “Os repórteres sabem que são empregados de uma burocracia produtora de notícias, e que respondem, nas suas comunicações, à estrutura social e às pressões da sala de redação” (GIEBER, 1960, p. 83 *apud* TRAQUINA, 1993, p. 169). Citando Adriano Duarte Rodrigues, Traquina também aponta o fator imprevisibilidade como influente no fazer jornalístico: “é em função da maior ou menor previsibilidade que, do ponto de vista jornalístico, um fato adquire o estatuto de acontecimento pertinente, ou seja, noticiável” (TRAQUINA, 1993, p. 170).

Impor-se no tempo e no espaço é um desafio estrutural que acompanha o jornalismo desde a sua gênese. Se não é possível extingui-lo por completo, os profissionais da área tentam, ao menos, amenizá-lo. Para impor-se na ordem do espaço, as empresas jornalísticas dividem o mundo em áreas de responsabilidade territorial e criam profissionais especializados em determinadas regiões. “A consequência fundamental da extensão na rede é impor ordem no mundo social porque permite que acontecimentos noticiáveis ocorram mais em certas localidades e não noutras” (TRAQUINA, 1993, p. 170).

Para impor-se na ordem do tempo, as empresas planejam o futuro por meio do agendamento dos acontecimentos previsíveis. Outra estratégia é criar a chamada “rotina do inesperado”, da qual o resultado é a concentração de recursos da organização “num número relativamente pequeno de agentes cuja posição em certas organizações ou instituições particulares valorizam ao máximo a informação que recebem” (ROSCHO, 1975 *apud* TRAQUINA, 1993, p. 172).

Segundo Traquina, o tempo é determinante para o fazer jornalístico. O conceito de atualidade está, intrinsecamente, relacionado a esse fator. Conforme afirma o autor, a atualidade “constitui o coração e a alma da atividade jornalística [...]. Os acontecimentos

devem ser atuais; a própria atualidade constitui um fator de noticiabilidade” (TRAQUINA, 1993, p. 174). Inerente ao processo de fechamento dos jornais, o tempo controla o nível de informação que o público recebe. Traquina afirma que, devido à tirania do relógio, as respostas que mais o público quer ter são as que ele menos encontra. “Exigir isso é talvez pedir demasiado a estes profissionais inundados pela cheia de acontecimentos e assediados pela hora do fecho” (TRAQUINA, 1993, p. 176).

Para explicar as conseqüências da rotinização no processo de produção de notícias, Traquina destaca a importância do relacionamento entre o jornalista e a fonte de informação. Segundo o autor, é importante que o jornalista cultive suas fontes e que não as revele, tenha consciência de que a fonte não é desinteressada e que, para poder-se acreditar nela, é preciso ter credibilidade, e, quanto mais elevada for a posição ocupada pela fonte, mais credibilidade ela inspirará.

Apesar de não produzirem jornalismo, as fontes são partes fundamentais de sua construção e não se deve ignorar o perigo que o contato entre jornalista e fonte pode trazer para a atividade. Citando Walter Lippmann, Traquina afirma que o contato pessoal com a fonte pode gerar uma relação de confiança e de interdependência difícil de ser ignorada. O autor argumenta, ainda, que fontes profissionais em lidar com jornalistas, as relações públicas, podem influenciar não só a cobertura, mas também o conteúdo da notícia publicada. Outra conseqüência do contato entre jornalistas e fontes é que o processo de produção de notícias torna-se “uma questão de representantes de uma burocracia apanhando notícias pré-fabricadas de representantes de outra burocracia” (SCHUDSON, 1986, p. 31 *apud* TRAQUINA, 1993, p. 173). Diferentemente da posição da teoria estruturalista, que vê a presença das fontes oficiais como automática, a teoria etnoconstrucionista encara a posição dominante das fontes oficiais como uma conquista.

### 3 O RÁDIO E O RADIOJORNALISMO

#### 3.1 A implantação do rádio no Brasil

Como o objetivo desta pesquisa é desenvolver um estudo de caso sobre o processo de construção da notícia no rádio, torna-se pertinente abordar questões relativas a esse veículo de comunicação, a sua trajetória e as suas peculiaridades do ponto de vista da linguagem e da produção de notícias.

O rádio foi inaugurado oficialmente no Brasil em 7 de setembro 1922, na cidade do Rio de Janeiro, como parte das comemorações dos 100 anos da Independência.<sup>5</sup> Antes disso, algumas experiências em radiofonia já estavam sendo feitas no país por amadores. Há documentos que provam que o rádio brasileiro nasceu em Recife, em 6 de abril de 1919.<sup>6</sup>

No entanto, a data da instalação efetiva da radiodifusão no Brasil pode ser considerada 20 de abril de 1923. Segundo Gisela Ortriwano (1985), neste período começa a funcionar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que tinha um cunho nitidamente educativo. Em sua primeira década de existência, o rádio era feito para as elites.

A cultura popular não tinha acesso ao rádio, que não se caracterizava como entretenimento de massa, sendo veículo de formas de diversão individualista, familiar ou particular, muito pouco extensivas. E esse quadro se evidencia pelo pequeno número de emissoras instaladas, o pouco interesse da própria sociedade global, relativamente ao rádio (MADRID, 1972, p. 32 *apud* ORTRIWANO, 1985, p. 14).

O caráter elitista do rádio começou a ser modificado na década de 1930 com o advento das rádios comerciais, comprometidas com a publicidade para garantir a sobrevivência. “A

---

<sup>5</sup> Na ocasião, foram importados 80 receptores pelos quais alguns componentes da sociedade carioca puderam ouvir, em casa, o discurso do Presidente Epitácio Pessoa. O transmissor estava instalado no alto do Corcovado e possuía 500 watts.

<sup>6</sup> Data da inauguração da Rádio Clube de Pernambuco.

introdução de mensagens comerciais transfigura imediatamente o rádio: o que era ‘erudito’, ‘educativo’, ‘cultural’ passa a transformar-se em ‘popular’, voltado ao lazer e à diversão” (ORTRIWANO, 1985, p. 15). Começa a surgir, nesse contexto, a mentalidade de que o rádio deveria ser um veículo de expressão popular e integração nacional voltado para as massas. Disseminaram-se, nesse momento, os programas musicais, os horários humorísticos e os radiojornais, este último como uma chance de inclusão no acesso às informações para o grande número de analfabetos.

### **3.2 Raízes no jornalismo impresso**

O radiojornalismo surgiu como uma alternativa sonora às notícias que eram veiculadas pelos jornais impressos. Era, fundamentalmente, uma leitura oral das informações escritas. Com o amadurecimento, superou suas raízes. Segundo Eduardo Meditsch (1999), “a superação da escrita pelo jornalismo eletrônico da rádio passou primeiro pela reafirmação dos padrões estabelecidos pelo jornalismo escrito” (MEDITSCH, 1999, p. 186). Para o autor, a nova forma adotada pelo jornalismo sonoro, com a agregação ao texto de um subtexto e dos demais elementos da linguagem sonora, evoluiu num novo gênero de discurso. Atualmente, o discurso radiofônico distanciou-se da linguagem escrita e assumiu características próprias.

Todavia, ainda se observa na cobertura jornalística de algumas emissoras que as raízes na linguagem escrita ainda não foram completamente abandonadas. Como aponta Mozahir Salomão (2003), esse radiojornalismo preso às características do suporte impresso parece sobreviver distante do jornalismo genuinamente sonoro. Isso pode ser observado no “uso de termos de jornais, como *lead* ou pauta etc. à própria ‘cadernização’ (definição dos blocos de notícias em editorias) dos ‘jornais-falados’ que tentam dar uma ordem à forma de seqüenciamento das notícias” (SALOMÃO, 2003, p. 92).

Segundo Meditsch (1999), em seus primeiros momentos, a linguagem do radiojornalismo foi moldada por um esforço extremo de simplificação e busca pela naturalidade. Essa última ainda continua sendo perseguida como um valor.

### ***3.3 Características da linguagem do rádio como veículo de comunicação oral***

Veicular informação em rádio é um processo tão específico quanto a própria linguagem do veículo. Um dos estudiosos que se dedicou a discutir a linguagem do rádio e, mais especificamente, do radiojornalismo foi Eduardo Meditsch (1999). Para o autor, seu estudo se faz necessário pela errônea identificação dessa linguagem como uma simples forma de fonografia escrita. Segundo Meditsch, esse pensamento indica que a linguagem radiofônica ainda foi pouco pensada e permanece pouco conhecida.

O autor argumenta que a carência de estudos sobre a linguagem radiofônica se deve a limitações de natureza teórica. Ele cita, como exemplo, o fato de a Semiótica ter se consolidado como ciência muito recentemente. O próprio campo da Comunicação somente ganhou força no meio acadêmico a partir dos anos 70 do século XX, com o surgimento dos primeiros cursos de mestrado e doutorado na área. Assim, de acordo com o autor, é preciso considerar o elemento temporal na análise da linguagem do rádio, o que garante a referida dinamicidade desse meio de comunicação.

Meditsch cita as características que identificam a linguagem do rádio: o caráter auditivo e o caráter invisível. Além dessas, a linguagem do radiojornalismo também é caracterizada pela simultaneidade da enunciação/recepção da notícia e pela força do “vivo”, fenômeno que surge na radiodifusão e que encontra nesse meio a sua maior expressão, mesmo depois do advento da televisão. Como explica Paddy Scannell<sup>7</sup> em trecho citado por

---

<sup>7</sup> SCANNELL, Paddy. Broadcast Talk. In: **A rádio na era da informação**. Coimbra: Minerva, 1999, p. 203.

Meditsch: “O caráter vivo da radiodifusão, o seu senso de existência em tempo real – o tempo do programa correspondendo ao tempo de sua recepção – é um efeito intrínseco ao meio” (SCANNELL, 1991, p. 01 *apud* MEDITSCH, 1999, p. 203).

Para caracterizar mais a fundo a linguagem do rádio informativo, Meditsch expõe que é necessário diferenciá-la da linguagem da fonografia, entendida como um dos fenômenos do ramo audiovisual, mais identificada com a música e o entretenimento. O autor afirma que o som, matéria primária da radiodifusão, em todas as suas manifestações, como, por exemplo, a música, os ruídos e, até mesmo, a sua negação, o silêncio, são subsidiários em relação à palavra, eixo estrutural do radiojornalismo. “A palavra sonora [...] é o elemento central da linguagem da rádio informativa” (MEDITSCH, 1999, p. 174). Segundo o autor, a diferenciação entre a linguagem do rádio informativo e a fonografia se dá na forma de enunciação e no tipo de enunciado que produzem. A fonografia produz arte, e o radiojornalismo, notícias.

### ***3.4 Linguagem coloquial e proximidade com o ouvinte***

A partir do surgimento da televisão no Brasil, na década de 1950, o rádio teve que assumir um novo papel face à concorrência imposta pelo novo meio de comunicação. “Com a TV, o rádio voltou-se para as necessidades individuais do povo, em diferentes horas do dia, bem em sintonia com a multiplicidade de aparelhos receptores nos quartos, banheiros, cozinhas, carros e – agora – bolsos” (MCLUHAN, 1969, p. 344 *apud* ALVES, 2005, p. 163). O veículo adaptou-se à condição de amigo do ouvinte e uma nova linguagem se fez necessária. Para ser ouvido e entendido em todos os estratos sociais, o rádio foi obrigado a adquirir uma linguagem mista, que alcançasse o maior número de pessoas, e daí vem a relação de intimidade entre locutor e ouvinte, tão característica da programação do rádio atualmente.

Um exemplo é a expressão amigo ouvinte, que foi incorporada à linguagem do veículo nessa época. O pronome você, usado no singular, também começou a ser empregado no rádio brasileiro no contexto citado acima, com o objetivo de fazer com que a mensagem seja individualmente assimilada, para que o ouvinte se sinta especial e estabeleça uma cumplicidade com o locutor.

Qualquer acadêmico se arrepiará com essa familiaridade quase ofensiva, com que o “speaker” se dirige a pessoas que não conhece. Mas foram as exigências mesmas da radiofonia que a levaram à generalização do você, como fórmula de tratamento radiofônico (ANDRADE, 2005, p. 116).

Essas características se aplicam à programação radiofônica, mas não ao jornalismo produzido para rádio. O radiojornalismo, como é próprio da atividade, veste-se com a capa da objetividade, da impessoalidade e da imparcialidade. E, mesmo que sejam questionáveis, esses critérios não permitem que o noticiário em rádio faça uso de recursos que já estão consolidados em outros estilos de programas radiofônicos, como o uso do pronome “você” no tratamento direto com o ouvinte, por exemplo. Fora isso, a linguagem do radiojornalismo é a mesma da dos demais programas que não têm caráter jornalístico. A forma coloquial de escrita e fala da Língua Portuguesa é a que é empregada no radiojornalismo.

Já é muito falada nas redações de rádio a busca de linguagem coloquial, que os dicionários escolares definem como “caseira, doméstica, cotidiana, sem muita correção gramatical”. Mas dessas quatro particularidades somente as três primeiras usáramos ao definir a linguagem coloquial do radiojornalismo. Mudaríamos a quarta para com muita correção gramatical, pois não vemos nisso uma incompatibilidade total. Ou seja, podemos conciliar a maneira de falar do nosso dia-a-dia com a gramática (ALVES, 2005, p. 164).

A linguagem do radiojornalismo deve ser simples, aproximar-se da conversa interpessoal. Rosental Calmon Alves (2005), quando redator da Rádio Jornal do Brasil, escreveu que devemos procurar o nível de uma conversa informal no noticiário em rádio. No

entanto, o autor afirma que o coloquialismo exagerado ultrapassa os limites do real e leva à invenção, à artificialização de uma linguagem, o que prejudica a recepção. Outro erro originado pelo abuso do coloquialismo no jornalismo em rádio, citado por Alves, é a repetição dos erros gramaticais comuns em nossas conversas.

É sempre preferível omitir a forma oficialmente errada do que usá-la com o risco do não entendimento ou do choque de formas. Também não há razão para receio de o rádio estar bloqueando a evolução da língua, ao deixar de adotar as novidades imediatamente. Afinal, se o rádio não é capaz de modificar uma língua, não poderá impedir uma alteração (ALVES, 2005, p. 166).

Rosental Camon Alves cita que o emprego da linguagem coloquial no radiojornalismo exige que o texto seja lido como se o locutor estivesse contando uma história ao ouvinte. O importante é narrar com clareza o noticiário, pronunciar corretamente e completamente as palavras com facilidade e, principalmente, saber a importância de cada notícia.

É preciso ler como se não estivesse lendo, mas apenas conversando com alguém, contando a um amigo as novidades do dia. Para isso o locutor não precisa ter a voz muito empostada, o que, aliás, chega a ser prejudicial, quebrando a naturalidade (ALVES, 2005, p. 168).

### ***3.5 Os desafios da invisibilidade***

Baseando-se fundamentalmente na enunciação da palavra sonora, o radiojornalismo encontra o desafio da sua própria forma invisível. A ausência de imagens e a impossibilidade de retorno do enunciado para o entendimento do ouvinte são motivos de discussões sobre a linguagem do rádio.

Eduardo Meditsch (1999) cita duas escolas de pensamento sobre o potencial expressivo do rádio que se dividem a respeito da criação de imagens nesse meio de comunicação. O autor explica que a “escola da visualização”, criada na França, propõe que a

falta de imagens no rádio é compensada, necessariamente, pela imaginação visual do ouvinte. Para ela, importa desenvolver e controlar esta complementação imaginativa. “A frase, atribuída a uma criança, que na década de 50 teria dito preferir as histórias da rádio em relação às da TV ‘porque os cenários são mais bonitos’ foi adotada como seu lema” (MEDITSCH, 1999, p. 156).

De outro lado, segundo o autor, desenvolveu-se a chamada “escola da auto-suficiência invisível”, para a qual a falta de imagens em rádio não é uma deficiência e, portanto, não requer nenhuma complementação. Meditsch afirma que a argumentação dos teóricos dessa escola baseia-se na comparação da “cegueira” do rádio à da música, sendo que a palavra sonora se aproxima da música em seu alto grau alcançado de abstração.

Em suas próprias colocações, Meditsch afirma que em rádio não é necessário imagens, porque não é o espaço, mas sim o tempo que constitui o eixo de estruturação do fluxo eletrônico. “A dimensão temporal, porém, tem escapado à maior parte das análises do discurso e das tentativas de definição da linguagem da rádio” (MEDITSCH, 1999, p. 201). Sobre a inexistência de imagens no rádio, Mozahir Salomão (2003) escreve:

Sem a sustentação gráfica da escrita e o apoio da imagem, o rádio deve dizer, repetir e confirmar. Se no jornalismo impresso, e mesmo na tevê, a luta diária do repórter é pelo texto criativo e sedutor, no rádio o desafio primeiro é fazer-se entender, é ‘prender’ o ouvinte para que ele fique atento e assimile a notícia na sua inteireza (SALOMÃO, 2003, p. 85).

Complementando este raciocínio, é pertinente citar as idéias de Rudolf Arnheim (2005), presentes no ensaio *O diferencial da cegueira: estar além dos corpos*,<sup>8</sup> sobre o talento de um profissional de rádio. O autor afirma que se uma mensagem radiofônica não é totalmente compreendida somente com a enunciação da palavra é porque a informação não foi

---

<sup>8</sup> Publicado na versão inglesa de Margaret Ludwig e Herbert Head em 1936 e em alemão, tardiamente em 1978. O texto utilizado aqui é uma tradução da versão inglesa proposta por Eduardo Meditsch. In. MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teorias do Rádio**. Textos e Contextos. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.

bem construída. Segundo ele, o que mede o talento de um profissional que redige para rádio é a sua capacidade de produzir o efeito desejado apenas com os elementos sonoros e não a possibilidade de inspirar os ouvintes a complementarem a falta de imagem adicionando vida ao realismo.

Ainda assim, para a compreensão das informações transmitidas pelo rádio, o ouvinte precisa imaginar. A imaginação é um sentido interno que nos permite evocar e reproduzir as impressões sensoriais e perceptivas na ausência de seus objetos. De acordo com Armand Balsebre (2005), a imaginação, no processo de produção radiofônica, é o sentido interno que, a partir das sensações auditivas e do conhecimento da realidade referencial que o ouvinte tem por sua capacidade de percepção multisensorial, permite construir uma imagem a partir do objeto sonoro percebido: a imagem auditiva.

O conhecimento ou familiaridade com o código radiofônico é o fator principal da dinâmica associativa e perceptiva do ouvinte na interpretação da mensagem. O código da mensagem é o conjunto de operações supostamente conhecidas pelo receptor. São exatamente a familiaridade com o código e a associação de idéias produzida pelos ouvintes que acarretam um efeito de empatia e identificação com a linguagem radiofônica. E apesar da linguagem no rádio ser uma representação artificial da realidade, ela provoca uma emocionante e intensa “vivência real” (BALSEBRE, 2005, p. 336).

### ***3.6 A mensagem adapta-se ao ouvido***

Segundo Meditsch, a partir da característica invisível de sua linguagem, o rádio tem uma maneira própria de expressar os acontecimentos. Devido à carência de características ilustrativas, o rádio precisa, por exemplo, de um narrador dos enunciados: “Sem a ajuda de um comentador ou de um repórter, o acontecimento que a rádio se propõe a transmitir seria fragmentário a ponto de se tornar incompreensível” (ARNHEIM, 1957, p. 155 *apud* MEDITSCH, 1999, p. 170).

A realidade expressa pela linguagem do rádio é, como explica Meditsch, moldada de uma forma que a matéria prima sensorial esteja melhor adaptada ao ouvido humano, preparado para receber material a que o homem já tenha dado forma. Tratando-se de radiojornalismo, ainda deve-se considerar que a realidade da qual busca-se ser espelho, também, é dependente do tempo social do público ouvinte, o tempo que o receptor tem para receber e assimilar a mensagem. “O tempo externo será desconstruído pela análise e reconstruído numa síntese para ser encapsulado no tempo planejado do discurso” (MEDITSCH, 1999, p. 170).

Seguindo o raciocínio de que a mensagem transmitida pelo rádio está submetida ao ouvido humano, o discurso radiofônico deve ser construído de maneira que possa ser completamente absorvido pelo receptor. Meditsch cita o conceito de “disciplina do laconismo”, criado por Theo Fleishmann, para afirmar que o texto de rádio deve prezar pela síntese, pela brevidade e pela seletividade. Por competir com os demais sentidos, principalmente com a visão, o discurso no rádio deve ater-se aos aspectos mais relevantes da mensagem, para manter a atenção ininterrupta de seu ouvinte “e propiciar uma compreensão global do conteúdo num curtíssimo espaço de tempo” (MEDITSCH, 1999, p. 176).

Em radiojornalismo, a característica instantânea da notícia faz a informação no rádio ser irrecuperável. Para que o ouvinte não perca o conteúdo dos enunciados, algumas técnicas devem ser obedecidas.

Entre as regras mais citadas estão a frase de abertura que “vende” o conteúdo da matéria, atraindo a atenção para o que vem em seguida; a substituição de idéias abstratas por imagens concretas; o uso da voz ativa; a preferência pelo presente como tempo verbal; a intercalação de vozes e ainda o tom pessoal, capaz de provocar empatia (MEDITSCH, 1999, p. 177).

### ***3.7 O efeito dos efeitos***

Mesmo provocando a sensação de vivência do real, como cita Armand Balsebre (2005), a linguagem radiofônica é uma construção social. Por isso, se o ouvinte busca no noticiário o “espelho da realidade”, ele jamais ficará satisfeito, pois a transmissão não se iguala à realidade. Um claro indício é a presença de efeitos sonoros e de vinhetas musicais. A utilização desses recursos como substitutos de uma determinada idéia expressiva ou narrativa pode superar, muitas vezes, o próprio sentido da palavra. Ainda segundo Balsebre, um ritmo musical repetitivo num programa informativo pode trazer uma conotação simbólica de dinamismo, de novidade, de autoridade profissional e de credibilidade.

Com o emprego de tais efeitos estilísticos na produção do radiojornalismo, o noticiário jamais será puramente fiel aos fatos. Esses, até mesmo, “podem causar uma verdadeira comoção estética, reutilizando assim a linguagem radiofônica como um autêntico instrumento de comunicação e expressão” (BALSEBRE, 2005, p. 330). Um outro recurso que comprova a construção da realidade do noticiário em rádio é a montagem radiofônica.

Com o desenvolvimento da tecnologia é possível cortar e colar o material sonoro, alterar a qualidade e a natureza da fonte sonora, sua velocidade, entre outros recursos que a montagem radiofônica proporciona, contribuindo para a criatividade e a intenção comunicativa e expressiva do autor da mensagem. O processo técnico de reprodução sonora do rádio impõe à imagem sonora peculiares “de/formações” (BALSEBRE, 2005, p. 334).

A prática de edição de sonoras cria um novo conceito de real. Segundo o autor, essa nova realidade radiofônica é “mais real que o real”. Balsebre cita que a reportagem de rádio pode ser definida como “dramaturgia da realidade”, pois, no contexto do relato radiofônico, o som da linguagem é classificado em seqüências, ambientes, perspectivas e em movimentos, que dão uma ilusão de realidade pela ação combinada dos planos na montagem.

## 4 AS PECULIARIDADES DA NOTÍCIA NO RADIOJORNALISMO

### 4.1 O que é notícia em rádio?

Outro autor que pesquisa as especificidades da informação radiofônica é Emilio Prado (1989). Em seus estudos, ele aborda as características e a estrutura da notícia em radiojornalismo e busca uma definição para a palavra notícia, alegando que já houve diversas tentativas, e o termo nunca obteve um consenso. Prado cita a definição dada por Petra Secanella, pois, segundo ele, é mais ampla e permanente num mundo de mudanças estruturais contínuas da informação: “é notícia o que os jornais escrevem em suas colunas e o que as emissoras de rádio e televisão emitem em seus programas informativos. Ou seja, os tipos de notícia são infinitos” (SECANELLA, 1980, p. 11 *apud* PRADO, 1989, p. 47).

Outra definição citada por Emilio Prado é a de Mar Focumberta, que associa ao termo a existência de três elementos significativos: um fato, uma informação que surge por meio desse, e um público, ao qual essa última é destinada. Com base nessas definições, o autor fornece o seu conceito de notícia: “Seguindo essa linha ampla e sem pretensão de exclusividade, poderíamos dizer que a notícia é a unidade estrutural mínima da informação radiofônica, concisa, simples e formalmente neutra” (PRADO, 1989, p. 48).

Nesse momento, cabe aqui uma distinção entre os termos notícia e informação. Em seu dicionário enciclopédico, José Nabantino Ramos considera os termos como sinônimos, porém ressalta que “pode-se dizer, com maior propriedade, que a informação é o conteúdo da notícia. Ou que a notícia veicula a informação” (RAMOS, 1970, p. 136 *apud* ORTRIWANO, 1985, p. 90). José Luís Albertos define notícia como sendo “um fato verdadeiro, inédito e de interesse geral que se comunica a grandes massas, depois de haver sido interpretado e avaliado” (ALBERTOS, 1962 *apud* ORTRIWANO, 1985, p. 90). Para Juarez Bahia, “a

notícia, como a boa informação jornalística, deve reunir interesse, importância, novidade e veracidade” (BAHIA, 1972, p. 175-177 *apud* ORTRIWANO, 1985, p. 90) e deve constituir-se como “o objeto mesmo da informação, sem a qual não há o que comunicar” (BAHIA, 1972, p. 175-177 *apud* ORTRIWANO, 1985, p. 90). E, por fim, define-se informação como a “notícia comunicada a alguém ou ao público” (RABAÇA & BARBOSA, 1978, p. 261 *apud* ORTRIWANO, 1985, p. 90) e, por sua vez, notícia como a narração de um acontecimento e, por extensão, “o conteúdo do relato jornalístico” (RABAÇA & BARBOSA, 1978, p. 261 *apud* ORTRIWANO, 1985, p. 90).

#### ***4.2 Um produto para consumo imediato***

Além de definir o termo notícia, Emilio Prado afirma ser fundamental diferenciar a notícia de rádio da notícia do jornalismo impresso. A instantaneidade e a simultaneidade na transmissão das informações e na assimilação da mensagem permitidas pelo radiojornalismo exigem que a notícia em rádio seja rápida, o que, para o autor, é a principal vantagem do veículo. “Os jornalistas radiofônicos pensam nas notícias do momento, enquanto os da imprensa pensam nas notícias do dia” (PRADO, 1989, p. 48). Prefaciando o livro de Emilio Prado, o jornalista Heródoto Barbeiro cita o consumo imediato e a perenidade das notícias em radiojornalismo:

A obtenção das notícias e informações é um processo contínuo, pois elas são consumidas imediatamente. Não dormem na redação. São imediatamente checadas e colocadas no ar. Por isso são altamente perecíveis. Daí a necessidade de novas notícias, dando continuidade aos fatos relatados. A pauta do radiojornalismo deve ter condições de colocá-lo à frente dos demais meios de comunicação. Se não houver, o rádio perde sua característica de agilidade, imediatismo e instantaneidade (BARBEIRO, 1989 *apud* PRADO, 1989, p. 10).

Uma última característica diferencial da notícia em rádio, abordada por Prado, é a não permanência das mensagens radiofônicas. Diferentemente do leitor de um jornal impresso, o ouvinte de rádio não pode voltar na informação para elucidar um dado que não foi bem compreendido, por exemplo. Portanto, é necessário que o texto em rádio seja escrito de maneira que possa ser entendido já na primeira vez. É como, novamente, cita Mozahir Salomão sobre o caráter invisível do rádio: “o ouvinte – que conta apenas com o áudio – não pode ser sacrificado por um texto com excesso de palavras e estruturas de frases complexas, que dificultem o entendimento” (SALOMÃO, 2000, p. 80). Segundo Prado, em consequência de tudo isso, surge a brevidade como a característica mais importante das notícias radiofônicas.

#### ***4.3 Tipos de notícia em rádio***

Essas características básicas permitem estabelecer os três tipos de notícia no rádio. Classificadas por Emilio Prado (1989), trata-se da notícia estrita, da notícia de citações com voz e da notícia com entrevista. Primeiramente, o autor trabalha a notícia estrita, que, segundo ele, é a mais freqüente, especialmente nos serviços de hora em hora. Sua estrutura refere-se a uma introdução, ao desenrolar e a um encerramento. A introdução deve ser breve e simples, atrair a atenção do ouvinte e trazer a informação mais importante, respondendo às perguntas básicas do *lead*: quem, o quê, quando, onde, como e por quê. O desenrolar deve trazer dados novos e repetir algum já dito antes, “para produzir uma redundância que resista a não permanência das notícias, a decodificação no presente e a falta de assimilação precisa em caso de não se encontrar no estado de escutar” (PRADO, 1989, p. 50).

Segundo o autor, o encerramento da notícia estrita tem o papel importante de recuperar o essencial da informação de forma atraente, para fixar a mensagem e deixar o nível de

interesse do ouvinte elevado para a notícia seguinte. “Conseguir um bom encerramento é mais difícil que uma boa entrada, já que não dispomos de interesse pelo desconhecido” (PRADO, 1989, p. 52).

A notícia com citações com voz são as que trazem o texto lido pelo locutor intercalado com sonoras das fontes. Este recurso atribui ritmo e sustentação à informação, pela alternância de vozes, e inclui o ambiente sonoro dos fatos, transmissor de dados em si próprio. “A notícia ganha, assim, em credibilidade e em exatidão” (PRADO, 1989, p. 53). As citações não devem abrir uma notícia e, segundo Prado, devem ter a extensão mínima e devem concordar com o contexto em uma sucessão lógica de idéias.

A notícia com entrevista não se assemelha estruturalmente aos outros dois tipos. Ela possui uma introdução que responde, basicamente, apenas ao quem e ao o quê. Em seguida, entra a entrevista que, para o autor, pode cumprir duas funções: fornecer os dados do fato ou dar a resposta ao porquê. Fecha-se com um encerramento que reforça a informação mais importante e traz um último novo dado. “As notícias com entrevistas unem às vantagens de todas as outras o interesse humano que despertam” (PRADO, 1989, p. 55).

#### ***4.4 Tipos de entrevista em rádio***

O objetivo de uma entrevista em rádio é produzir uma sonora para ser transmitida ao vivo ou gravada. Ambos os casos geram, segundo Paul Chantler (1998), três tipos de entrevista: a informal, a interpretativa e a emocional.

“A entrevista informal é fundamental para revelar fatos ou informações” (CHANTLER, 1998, p. 100). Utiliza-se, no caso, as perguntas chaves do chamado *lead*: quem, quando, onde, como, por que, o que; para estimular o entrevistado a pronunciar sonoras mais elaboradas e não apenas responder monossílabos como “sim” e “não”, em razão de

perguntas mal elaboradas que não dão margem para a expressão do entrevistado. “Para atingir o objetivo da entrevista, que é o de revelar informações novas, as perguntas devem ser curtas, diretas e abertas” (CHANTLER, 1998, p. 100).

A entrevista interpretativa geralmente é utilizada para produzir reflexões sobre um fato que já é conhecido do público. De acordo com Chantler, é comum se entrevistar neste caso especialistas em determinado assunto, que já têm experiências de situações semelhantes e que podem olhar para o futuro e traçar um quadro de probabilidades. Neste caso, o autor cita que é comum o entrevistador iniciar a pergunta com a palavra “que”.

A entrevista emocional é, para Chantler, a mais complicada de ser conduzida. Há sempre o risco de se ultrapassar os limites do bom senso é fazer uma entrevista sensacionalista, ou pior, fazer com que o entrevistado sofra mais do que já está sofrendo, por exemplo em situações trágicas e traumatizantes como quando se entrevista vítimas de acidentes.

Algumas vezes, os jornalistas são criticados por expor em público sentimentos de pessoas que estão em apuro ou desesperadas. Na verdade, ninguém deve ser obrigado a falar o que não quer, mas sabe-se de pessoas que têm seu sofrimento aliviado quando podem revelá-los publicamente. [...] Contudo são imperdoáveis as atitudes de uma minoria de repórteres – a maioria de jornais – que, sem dúvida, ultrapassam os limites da decência (CHANTLER, 1998, p. 101).

#### ***4.5 Fontes de informação em rádio***

As fontes de informação no radiojornalismo são as mesmas dos demais meios de comunicação. O que difere é o tratamento dado ao material para que a mensagem seja adaptada às características do veículo. De acordo com Gisela Ortriwano (1985), as principais fontes que abastecem as emissoras de rádio são as agências de notícias, os próprios profissionais da rádio como produtores e repórteres, o serviço de escuta, as publicações

organizacionais, os *press-releases* enviados por assessorias de imprensa e os informantes ocasionais como o próprio ouvinte.

Além das fontes citadas por Ortriwano, Paul Chantler (1998) também relaciona os serviços de emergência da polícia, do corpo de bombeiros e de ambulâncias; os serviços de utilidade pública, como as companhias de água, luz e telefone; políticos e Prefeituras; funcionários de outros setores da emissora; jornalistas *free lances* e as próprias emissoras concorrentes.

Apesar de não ter sido citada pelos autores, merece destaque a utilização da internet, mais especificamente dos sites jornalísticos que trazem notícias atualizadas quase que no instante em que acontecem os fatos, como uma das principais fontes de informação para as rádios atualmente. No artigo intitulado *As novas tecnologias e a crise do jornalismo*, a jornalista Alda de Almeida (2005) afirma que a prática de entrar na rede e retirar informações para fazer uma matéria, sem sair da redação para apurar os fatos, é cada vez mais comum.

#### ***4.6 Níveis de informação e seleção de notícias em rádio***

A notícia em rádio pode ser transmitida em diferentes formatos jornalísticos, o que Gisela Ortriwano convencionou chamar de níveis de informação. Segundo a autora, existem cinco níveis. No primeiro, encaixam-se as notícias emitidas assim que se tenha conhecimento da ocorrência do fato; é o nível do *flash* e das edições extraordinárias. No segundo, estão as grandes notícias que merecem espaços informativos de destaque, cuja finalidade é tratar o fato do modo mais completo possível; é o nível mais denso de conteúdo, mas também o mais ocasional, como, por exemplo, os especiais. No terceiro nível, inclui-se o conjunto de notícias selecionadas, avaliadas e tratadas em um primeiro estágio informativo, com periodicidade e técnicas próprias; é o nível dos boletins. No quarto nível, estão as notícias que passaram por

uma seleção mais criteriosa, em períodos mais amplos de tempo e cujas informações seguem uma sucessão diária com periodicidade fixa; é o nível dos radiojornais. No quinto, encaixa-se a informação integrada a outros assuntos não propriamente jornalísticos; é o nível dos programas de variedade.

Quando cita que a notícia produzida no quarto nível de informação é fruto de uma seleção mais criteriosa, Ortriwano passa a abordar a aplicação dos critérios de noticiabilidade no radiojornalismo. Em seus estudos sobre a determinação dos conteúdos em rádio, Ortriwano inclui os “critérios teóricos que normalmente são apresentados para a seleção de notícias, entre os quais se destacam importância, interesse, abrangência, impacto, atualidade [...], ineditismo, oportunidade etc” (ORTRIWANO, 1985, p. 105), como condicionantes da produção de notícias radiojornalísticas. Entretanto, segundo a autora, no sistema comercial de exploração da radiodifusão, a preferência das audiências é o principal critério de noticiabilidade.

O profissional que escreve para rádio e televisão precisa ter sempre presente que o seu trabalho possui, às mais das vezes, um papel secundário. Seu verdadeiro objetivo é atrair certa audiência a quem se possa vender a mercadoria anunciada ou o serviço oferecido (ARAÚJO, 1972, p. 33 *apud* ORTRIWANO, 1985, p. 107).

Outro critério, que está fora dos clássicos já citados por Ortriwano, mas que é igualmente determinante na produção de radiojornalismo, é a angulação com que a mensagem informativa é elaborada. Segundo a autora, após passar pelos vários filtros, a notícia, para ser transmitida, tem ainda os conteúdos selecionados. “Assim, o fato estará presente, mas poderá ser apresentado com diferentes enfoques e grau de importância dentre as demais notícias selecionadas” (ORTRIWANO, 1985, p. 109).

Ainda sobre os critérios de seleção de notícias em radiojornalismo, Marcelo Parada (2000) afirma que, nas redações, é difícil obter uma resposta objetiva a respeito de quais têm

validade. Além dos já citados por Ortriwano, Parada acrescenta o imediatismo, o drama, o entretenimento. Segundo ele, se o assunto abordado não se encaixa em nenhum dos critérios ressaltados, um teste final para decidir se um fato é ou não é notícia em rádio é verificar se pode ser incluído em um dos seguintes tópicos: importante, trágico, raro, caro, o que acabou de acontecer, o que vai acontecer.

Certamente, o primeiro critério de noticiabilidade apontado pelos pesquisadores que se dedicam ao estudo da comunicação de massa é o interesse. Saber o que é interessante para divulgação é crucial para os produtores de notícia. No entanto, a percepção do que é interessante para editores e para o público, geralmente não se coincide. Mozahir Salomão (2003), ao discutir interesse público, cita Muniz Sodré (1999), que afirma que no manejo desta noção, realiza-se o poder de arbitragem do jornalista. Mesmo se referindo ao jornalismo impresso, as idéias de Sodré podem também ser aplicadas ao jornalismo radiofônico. Segundo o autor, o que garante, então, a continuidade da produção noticiosa é o ficcional conceito de leitor-médio, “uma entidade tão abstrata quanto uma personagem romanesca” (SODRÉ, 1999, p. 140 *apud* SALOMÃO, 2003, p. 83). Sodré afirma que o interesse por um evento está em relação direta com a sua atualidade e sua significação social e em relação inversa com a distância psicológica entre o lugar do fato e o do leitor.

## 5 O DIA-A-DIA EM UMA REDAÇÃO DE RÁDIO

### 5.1 Metodologia

Neste capítulo, faz-se uma análise de como a notícia é produzida em meio às rotinas produtivas de uma rádio comercial. A pesquisa investiga, também, como a realidade é construída, como se dá a seleção de notícias, a influência do fator tempo no fechamento de um jornal, como as informações chegam à redação, o relacionamento dos jornalistas com as fontes e com os ouvintes, a presença da internet e demais fatores pertinentes à produção de um noticiário para rádio.

Para construir esta análise, acompanhamos, de dentro da redação, a produção de seis edições (de segunda-feira a sábado) de um radiojornal até o momento em que ele é colocado no ar. Durante a observação participante, foi elaborado um diário no qual anotou-se todos os movimentos visíveis dos agentes envolvidos na produção do noticiário. Também foram realizadas entrevistas com jornalistas da rádio sobre suas rotinas de trabalho e atuação profissional.

As seis edições do radiojornal também foram gravadas em ambiente externo à redação, para que se pudesse estudar o produto acabado que chega aos ouvintes, os quais, a princípio, não percebem as conturbadas ações que se encenam até que o locutor esteja diante do microfone. As fitas foram transcritas, e algumas notícias serão reproduzidas aqui. À luz das teorias apresentadas nos quatro capítulos teóricos, é analisado o processo de produção do noticiário para um radiojornal transmitido pela *Rádio Utopia*,<sup>9</sup> o *Jornal Utópico*.<sup>10</sup> Por ser uma rádio fictícia, não será traçado o histórico da emissora.

---

<sup>9</sup> Como explicado na Introdução deste trabalho, a *Rádio Utopia* não existe. Este recurso foi utilizado para resguardar a instituição onde verdadeiramente foi feita a pesquisa de campo, bem como os jornalistas que nela trabalham.

<sup>10</sup> O *Jornal Utópico* também é uma criação desta pesquisa.

## 5.2 O objeto

O *Jornal Utópico* vai ao ar de segunda-feira a sábado, de 12h30 às 13h, e é dividido em quatro blocos. Em sua produção, está envolvida toda a equipe de jornalismo da *Rádio Utopia*, que conta com profissionais espalhados por diversas regiões do estado em que está instalada e nos principais centros urbanos do Brasil. Além disso, a rádio mantém um correspondente internacional nos Estados Unidos.

O *Jornal Utópico* possui apenas uma editora que é responsável pela apuração e redação de todas as notícias que serão lidas pelo locutor, cabeças<sup>11</sup> e notas-pés<sup>12</sup> das matérias e pelo ordenamento das informações no espaço do radiojornal. Cabe à editora decidir quais matérias serão selecionadas para o jornal e qual destaque cada uma terá, bem como o tempo que receberão.

## 5.3 Critérios de análise

A análise é baseada nos seguintes critérios:

5.3.1 O universo jornalístico construído pela *Rádio Utopia* e a questão da objetividade;

5.3.2 O processo de produção da notícia;

5.3.2.1 Definição das pautas, 5.3.2.2 Processo de apuração e a rede noticiosa, 5.3.2.3 Relação com as fontes, 5.3.2.4 Interferência da internet, 5.3.2.5 Fator tempo, 5.3.2.6 Critérios de noticiabilidade, 5.3.2.7 Processo de edição – a escolha das manchetes;

5.3.3 A relação com os ouvintes.

---

<sup>11</sup> Na linguagem jornalística, cabeças são as informações que introduzem uma sonora, ou seja, as reportagens, matérias, entrevistas ou fala de repórteres.

<sup>12</sup> Na linguagem jornalística, notas-pés são as informações que vêm logo após uma sonora, para complementar uma notícia ou trazer uma informação que não tenha sido mencionada pelo repórter.

### 5.3.1 O universo jornalístico construído pela Rádio Utopia e a questão da objetividade

Além do acompanhamento, em campo, do processo de produção de notícia em seis edições do *Jornal Utópico*, esta pesquisa também gravou, em ambiente externo à redação, essas mesmas seis edições para que se fizesse, dentre outros motivos, a análise do universo jornalístico construído pela *Rádio Utopia*. Após a escuta das fitas, as edições foram esquematizadas, como mostram os quadros a seguir:

<b>Bloco – Editoria</b>	<b>Assunto</b>	<b>Gênero</b>
1º - Política	Reabertura do inquérito sobre o assassinato do prefeito Celso Daniel do PT	Nota <sup>13</sup>
1º - Polícia	Assassinato de um PM em Belo Horizonte	Notícia estrita
2º - Política	Expectativa sobre o depoimento de Rogério Buratti na CPI dos Bingos	Notícia estrita
2º - Política	Cresce pressão para que Lula dê entrevista coletiva sobre crise política	Notícia estrita
2º - Economia	Tranquilidade no mercado, queda no risco país e desvalorização do dólar	Nota
3º - Nacional	Depoimento nas investigações sobre envolvimento de celebridades com traficante no Rio de Janeiro	Nota
3º - Nacional	População do Rio de Janeiro acusa policiais militares de morte de cinco homens inocentes	Notícia estrita
3º - Cidades	Abertura de mostras de lidocaína para investigações	Notícia estrita
4º - Economia	Banco do Brasil deixa grupo de controle da Telemar	Nota
4º - Internacional	Comitiva brasileira chega a Londres para investigar morte de Jean Charles de Menezes	Notícia estrita – repórter da BBC Brasil
4º - Internacional	Influência de <i>video games</i> violentos no humor de crianças e adolescentes	Notícia estrita – correspondente nos EUA

Quadro 1 – Estrutura da edição do dia 22/08/05

Fonte: Jornal Utópico.

<sup>13</sup> Nesta pesquisa, a expressão nota é entendida como a notícia que é inteiramente lida pelo apresentador do jornal. As definições de notícia estrita, notícia com citação com voz e notícia com entrevista obedecem àquelas dadas por Emilio Prado (1989). Ver tópico 4.3.

Na edição do dia 22/08/05, foram apresentadas onze notícias, sendo quatro em forma de nota e sete em forma de notícia estrita. Balanço das notícias por editorias: três de política, duas de economia, duas de nacional, duas de internacional, uma de polícia e uma de cidades.

<b>Bloco – Editoria</b>	<b>Assunto</b>	<b>Gênero</b>
1º - Nacional	Advogados de acusados do assalto ao Banco Central em Fortaleza entram com pedidos de <i>habeas corpus</i>	Nota
1º - Política	Marcos Valério tenta negociar dívidas com PT e bancos	Notícia com entrevista
2º - Economia	Número de cheques sem fundo se manteve estável pelo Quarto mês consecutivo no país	Nota
2º - Polícia	Dois assaltos a bancos pela manhã em Minas Gerais	Notícia estrita
2º - Polícia	Assassinato de empresário em Sete Lagoas	Notícia estrita
3º - Política	Depoimento de Valdemar Costa Neto à CPI do Mensalão	Notícia com citações com voz
3º - Política	Depoimentos na CPI dos Bingos	Notícia com citações com voz
3º - Nacional	Duplo assassinato em Brasília	Nota
4º - Cultura	Filme 2 Filhos de Francisco está em primeiro lugar nas bilheterias do país há duas semanas	Nota
4º - Internacional	Crise política brasileira preocupa investidores internacionais	Nota
4º - Internacional	Investigações sobre a morte de Jean Charles de Menezes devem ser concluídas até o Natal	Notícia com citações com voz – repórter da BBC Brasil
4º - Internacional	EUA a um passo de cometer mesmos erros do Iraque no Irã	Notícia estrita – correspondente nos EUA
4º - Política	Polícia Federal está com dificuldades de encontrar Rogério Buratti	Notícia com citações com voz

Quadro 2 – Estrutura da edição do dia 23/08/05

Fonte: Jornal Utópico.

Na edição do dia 23/08/05, foram apresentadas 13 notícias, sendo cinco em forma de nota, quatro em forma de notícia com citação com voz, três em forma de notícia estrita e uma em forma de notícia com entrevista. Balanço das notícias por editorias: quatro de política, três de internacional, duas de nacional, duas de polícia, uma de economia e uma de cultura.

<b>Bloco – Editoria</b>	<b>Assunto</b>	<b>Gênero</b>
1º - Política	Ex-secretário de comunicação do PT, Marcelo Sereno, é acusado de cobrar e receber propina para financiar campanhas do partido	Nota
1º - Política	CPI dos Correios define próximos depoimentos	Notícia com citações com voz
1º - Economia	Queda na popularidade de Lula e crise política deixam mercado financeiro apreensivo e cotação do dólar	Nota
2º - Nacional	Polícia de São Paulo aponta acusado do assassinato de cobrador de ônibus	Nota
2º - Cidades	Advogado questiona decisão da Aneel e alerta sobre novo aumento da tarifa de luz	Notícia com entrevista
3º - Polícia	Comunidade apela a deputados para punição de responsável por morte de garçom	Notícia com citações com voz
3º - Polícia	Cinquenta e três pessoas foram presas na Operação Fronteira	Notícia com citações com voz
3º - Política	Conselho de Ética apresenta pedido de cassação do deputado Roberto Jefferson	Notícia estrita
4º - Internacional	Delegação brasileira em Londres que acompanha o caso Jean Charles de Menezes se reúne com comissão que investiga os erros da polícia inglesa	Notícia estrita – repórter da BBC Brasil
4º - Internacional	Polícia inglesa aprova medidas que vão permitir a deportação imediata de imigrantes indesejáveis	Notícia estrita – repórter da BBC Brasil
4º - Internacional	Nova Iorque vai implantar mega sistema de monitoramento de metrô	Notícia estrita – correspondente nos EUA

Quadro 3 – Estrutura da edição do dia 24/08/05

Fonte: Jornal Utópico.

Na edição do dia 24/08/05, foram apresentadas onze notícias, sendo quatro em forma de notícia estrita, três em forma de notícia com citação com voz, três em forma de nota e uma

em forma de notícia com entrevista. Balanço das notícias por editorias: três de política, três de internacional, duas de polícia, uma de economia, uma de nacional e uma de cidades.

<b>Bloco – Editoria</b>	<b>Assunto</b>	<b>Gênero</b>
1º - Política	Depoimento de Rogério Buratti na CPI dos Bingos	Notícia com entrevista e som ao vivo da CPI
2º - Economia	Ata do Copom repercutiu bem no mercado financeiro e cotação do dólar	Nota
2º - Política	Em discurso na presença de Lula, arcebispo cobra soluções para a crise e Lula afirma que CPIs no Congresso não vão acabar em pizza	Notícia com citação com voz
2º - Economia	Copom dá sinais de que a Selic pode cair em setembro	Nota
3º - Política	Presidente da CPI dos Bingos diz que espera que Rogério Buratti diga a verdade	Notícia com citação com voz
3º - Economia	Taxa de desemprego em julho é a menor desde março de 2002 em todo país	Nota
3º - Política	Servidores lotam Assembléia Legislativa para pressionar governo por reajustes salariais	Notícia estrita
3º - Política	Relator pede cassação de Roberto Jefferson	Notícia estrita
4º - Internacional	Delegação brasileira em Londres que acompanha o caso Jean Charles de Menezes encerrou encontros com autoridades britânicas	Nota
4º - Internacional	Flórida se prepara para enfrentar o furacão Katrina	Notícia estrita – correspondente nos EUA
4º - Política	Rogério Buratti critica imprensa em depoimento à CPI dos Bingos	Notícia com citação com voz

Quadro 4 – Estrutura da edição do dia 25/08/05

Fonte: Jornal Utópico.

Na edição do dia 25/08/05, foram apresentadas onze notícias, sendo quatro em forma de nota, três em forma de notícia com citação com voz, três em forma de notícia estrita e uma em forma de notícia com entrevista. Balanço das notícias por editorias: seis de política, três de economia e duas de internacional.

<b>Bloco – Editoria</b>	<b>Assunto</b>	<b>Gênero</b>
1º - Política	Presidente da CPI dos Bingos confirma nomes para depoimentos na comissão	Notícia estrita
2º - Cidades	Autoridades de Segurança voltam as atenções para o aumento de criminalidade nas maiores cidades mineiras	Notícia com entrevista
2º - Nacional	Justiça de São Paulo decreta prisão preventiva do presidente do sindicato dos camelôs acusado por formação de Quadrilha	Nota
2º - Polícia	Assassinato de sindicalista cercado de mistério	Notícia estrita
3º - Cidades	Ministério Público pode pedir a interdição da Igreja Universal em Belo Horizonte	Notícia com entrevista
3º - Economia	Apesar da crise política e do aperto monetário, a indústria brasileira mantém previsão de investimentos este ano	Nota
3º - Política	Empresários não acreditam que Lula desistirá da reeleição	Notícia com entrevista
4º - Economia	Usiminas anuncia investimento de cem milhões de dólares em uma nova empresa siderúrgica	Nota
4º - Internacional	Imprensa mundial dá destaque à afirmação de Maradona que disse que há um ano e meio não usa drogas	Nota
4º - Internacional	Furacão Katrina pode ficar mais forte	Notícia estrita – correspondente nos EUA
4º - Internacional	Milhares de pessoas fazem manifestação no Iraque a favor de Saddam Hussein	Nota
4º - Internacional	Revista científica britânica publica artigos reprovando os remédios homeopáticos	Nota
4º - Economia	Superávit primário cresceu 33 por cento em julho em relação ao mesmo período do ano passado	Nota

Quadro 5 – Estrutura da edição do dia 26/08/05

Fonte: Jornal Utópico.

Na edição do dia 26/08/05, foram apresentadas 13 notícias, sendo sete em forma de nota, três em forma de notícia estrita e três em forma de notícia com entrevista. Balanço das notícias por editorias: quatro de internacional, três de economia, duas de política, duas de cidades, uma de polícia e uma de nacional.

<b>Bloco – Editoria</b>	<b>Assunto</b>	<b>Gênero</b>
1º - Nacional	Estudante forja próprio seqüestro no interior paulista	Nota
1º - Polícia	Enterro de sindicalista assassinado misteriosamente	Notícia com citação com voz
1º - Nacional	Ex-mulher de Celso Pitta pode ser despejada em São Paulo	Nota
2º - Política	Líderes do PT debatem crise do partido em Belo Horizonte	Notícia com entrevista
2º - Política	Revista denuncia que mais de cem milhões de reais dos fundos de pensão foram parar nas mãos dos operadores do mensalão	Nota
2º - Política	Desorganização dos trabalhos das CPIs vão ficando cada vez mais visíveis	Notícia com citações de voz
3º - Ciência	Pequi é a mais nova arma na prevenção ao câncer	Notícia com entrevista
4º - Nacional	Polícia Federal do Rio de Janeiro ouve ex-prefeito acusado de fraudar licitações	Notícia estrita
4º - Internacional	Na Europa milhares de voluntários trabalham duro ao lado de equipes de resgate para limpar entulhos deixados por inundações	Nota
4º - Internacional	Furacão Katrina recuou para o Golfo do México	Nota

Quadro 6 – Estrutura da edição do dia 27/08/05

Fonte: Jornal Utópico.

Na edição do dia 27/08/05, foram apresentadas dez notícias, sendo cinco em forma de nota, duas em forma de notícia com entrevista, duas em forma de notícia com citação com voz e uma em forma de notícia estrita. Balanço das notícias por editorias: três de política, três de nacional, duas de internacional, uma de polícia e uma de ciência.

Em uma avaliação conjunta, pode-se aferir que, das 69 notícias apresentadas nas seis edições analisadas, 30,4% corresponderam à editoria de política; 23,1% à editoria de internacional; 14,4% à editoria de economia; 13% à editoria de nacional, 10,1% à editoria de polícia; 5,7% à editoria de cidades; 1,4% à editoria de ciência e 1,4% à editoria de cultura.

A predominância da editoria de política nas edições analisadas condiz com a conturbada semana de depoimentos nas três Comissões Parlamentares de Inquéritos (CPIs), que movimentaram Brasília no período em questão. Pode-se perceber que o *Jornal Utópico*,

tendo em vista a semana de pesquisa, dá mais destaque a temas globais do que a temas locais, o que é comprovado pelo peso que as editorias de política (que tratou da política regional apenas uma vez na edição do dia 25/08/05) e internacional tiveram nas edições analisadas. Juntas, as duas editorias ocuparam 53,5% do espaço do *Jornal Utópico*, ou seja, mais da metade. Já temas que se referem à realidade mais próxima do ouvinte da *Rádio Utopia* que, segundo a editora do *Jornal Utópico*, tem 99% de sua audiência localizada nos limites do estado onde a rádio está instalada, não são o foco do radiojornal. Esses assuntos, que geralmente pertencem às editorias de cidades e de polícia, representaram apenas 15,8% de todo o noticiário nos dias da verificação.

Em relação ao gênero das notícias, a esquematização da estrutura do noticiário mostra que, das 69 notícias veiculadas nas edições em questão, 40,6% foram apresentadas em forma de nota; 30,4% em forma de notícia estrita; 17,4% em forma de notícia com citação com voz e 11,6% em forma de notícia com entrevista. Os dados permitem afirmar que a maior parte do *Jornal Utópico*, ou seja, as informações das editorias de política, economia, nacional e cultura, que foram veiculadas em forma de notas, é produzida pela editora.<sup>14</sup> As fontes que mais aparecem nas notícias com citações com voz e notícias com entrevista, que somam 20 notícias, são as fontes oficiais. Políticos apareceram em dez notícias e policiais em três. As demais fontes ouvidas nesses gêneros de notícias foram: empresários (duas notícias), parentes de vítimas de crimes (duas), promotor (uma), advogado (uma) e pesquisador (uma).

Se analisarmos o peso, por exemplo, do noticiário de política na semana em questão, fica claro que o *Jornal Utópico* constrói a realidade que transmite ao ouvinte. A opção da editora do jornal em dar destaque às notícias da editoria de política é apenas uma escolha, orientada pelos critérios de noticiabilidade<sup>15</sup> que norteiam a produção de notícia para o referido noticiário. Isso demonstra que as notícias não são o espelho da realidade, pois

---

<sup>14</sup> Já as notas do noticiário internacional são exclusivamente redigidas pela jornalista responsável pela editoria.

<sup>15</sup> No tópico 5.3.2.6 vamos analisar, de forma mais aprofundada, os critérios de noticiabilidade.

infinitos acontecimentos não foram noticiados em detrimento das decisões tomadas pelos agentes produtores do *Jornal Utópico* e, por isso, elas não podem ser completamente objetivas.

Para se fazer um resgate do referencial teórico apresentado anteriormente por esta pesquisa, podemos resumir as definições de jornalismo e notícia a partir de dois grupos: os que defendem a notícia como um espelho da realidade e aqueles que a concebem como uma construção social da realidade. Durante os seis dias de visitas à redação da *Rádio Utopia* e de acompanhamento da produção do noticiário do *Jornal Utópico*, foi observado que, dentro da própria emissora, há opiniões divergentes sobre o universo jornalístico construído pela rádio e sobre o papel do jornalista no processo de (re)construção da realidade.

A idéia de que o jornalismo seja um espelho da realidade corresponderia à concepção tradicional das notícias. Este ponto de vista defende a objetividade como um fator essencial à atividade jornalística. No entanto, há autores que afirmam que os fenômenos sociais, ao atuarem sobre os agentes produtores do jornalismo, determinam uma abordagem diferente da notícia em cada situação. Essa segunda perspectiva surgiu a partir dos estudos de Peter Berger e Thomas Luckmann (1985) sobre a construção social da realidade. Compartilha desta visão a estudiosa Gaye Tuchman (1993), segundo a qual a notícia ajuda a constituir a realidade como um fenômeno social compartilhado, uma vez que, no processo de definir um acontecimento, a notícia define e dá forma a este acontecimento.

Como constatada na observação participante, a concepção de que o jornalismo é um simples espelho da realidade é adotada pela editora do *Jornal Utópico*. Em entrevista a esta pesquisa, a jornalista defendeu fortemente a existência e a necessidade da objetividade no jornalismo:

Você tem que ser o mais objetivo possível, não é balela não. A minha objetividade é o que me norteia, entendeu? Até pra você ser justo você tem

que caminhar pela objetividade. Ser o espelho da realidade é a meta. (Editora – 21 de *Rádio Utopia*)

Em oposição a esta visão mecanicista, há dentro da redação da *Rádio Utopia* profissionais que compreendem o jornalismo como uma forma de construção da realidade, assim como propõe a Sociologia do Conhecimento. O Repórter 2 é um exemplo.<sup>16</sup> Ele não acredita na visão convencional de que os jornalistas seriam os “olhos e os ouvidos” do público. Vejamos o depoimento:

Essa coisa do jornalista ser os olhos e os ouvidos das pessoas nos lugares onde elas não podem estar é muito bonito, né? Mas na verdade não dá pra funcionar assim. Raríssimos são os veículos de comunicação no Brasil hoje que podem se dar ao luxo de colocar um repórter fazendo investigação só pra uma matéria. Então no dia-a-dia do rádio isso é impensável. Você tem dez assuntos pra cobrir numa manhã só. Então você não vai ser os olhos e os ouvidos das pessoas, você não vai investigar. A gente no máximo cobre o que dá conta de cobrir, e acaba não passando tudo para o público. Até porque isso é impossível, cada um percebe a realidade de um jeito. (Repórter 2 – 20 anos de *Rádio Utopia*)

A Repórter 3 também compartilha da percepção do jornalismo como sendo uma construção social ou uma narrativa do real, como propôs Bruno Souza Leal (2002). Segundo a jornalista, após observar um fato, ela tenta fazer uma crônica do que viu para transmitir a informação aos ouvintes. No trecho a seguir, a repórter conta como constrói suas notícias da editoria de polícia:

Eu anoto muito pouco, o que eu anoto são nomes, datas, idades e informações que não vou me lembrar depois, tipo dados da cena do crime. Agora, o fato em si eu não anoto porque se você ficar muito preocupado com isso você não vai enxergar. Você vai ver mas não vai enxergar, você vai ouvir mas não vai escutar. Então você tem que sentir aquela cena e saber onde você está. Porque se você ficar preocupado demais em fazer seu texto ali na hora, não vai sair nada. Aí quando eu chego na redação eu tento fazer uma crônica daquilo tudo que eu vi. (Repórter 1 – 3 anos de *Rádio Utopia*)

---

<sup>16</sup> A numeração que identifica os repórteres obedece à ordem em que foram entrevistados.

Como apontou a Repórter 3, é preciso “sentir a cena”, o que demonstra que a subjetividade e as emoções dos repórteres integram a cobertura jornalística, e que não é possível o completo distanciamento dos fatos, como apontam os defensores da teoria do espelho. Ainda sobre a impossibilidade de se distanciar totalmente e de não se emocionar diante de um acontecimento, comenta a jornalista:

O que eu acho complicado na profissão de repórter policial é justamente manter a distância exata, porque você não pode se aproximar demais, porque senão você enlouquece, e também não pode se distanciar demais, porque senão você banaliza os fatos, passa achar tudo normal e acaba rindo numa cena de crime. Acho que você não pode fazer nem uma coisa nem outra. Hoje em dia as imagens não me chocam mais. Depois de ter visto tudo, criança morta, que é terrível, gente sem cabeça, sem braço, mutilados de todas as formas, todo tipo de barbaridade, eu já não me choco mais com cena nenhuma. O que me entristece, o que eu absorvo muito e me dá gastrite, úlcera e enxaqueca, são as histórias, são as pessoas, entende? Eu não vi o corpo dessa pessoa morta sobre a qual eu fiz a matéria agora, mas mesmo se eu tivesse visto eu não me chocaria com o corpo dele ensangüentado, mas certamente eu vou me lembrar à noite da viúva em prantos porque não tinha dinheiro pra enterrar o marido. Puxa vida, o cara era um trabalhador, ralava em dois empregos e foi assassinado de forma fria, brutal, injustamente, e a família não tem dinheiro nem pra enterrá-lo. Essas coisas vão somatizando, vão sendo absorvidas pelo organismo da gente, sem a gente perceber. O futuro do repórter de polícia na minha opinião é ficar cínico, doente ou louco. (Repórter 3 – 3 anos de *Rádio Utopia*)

Outro elemento que indica que a realidade é construída socialmente pela *Rádio Utopia* é o agendamento de acontecimentos que podem ser previstos com antecedência.<sup>17</sup> Durante os dias de visita à rádio, foi observado que há reportagens que são produzidas e pessoas que são entrevistadas sobre um determinado evento antes mesmo dele acontecer. Isso demonstra como a realidade pode ser construída e como a agenda de serviço pode ser um instrumento chave para a produção do *Jornal Utópico*.

A linguagem utilizada pelos repórteres da *Rádio Utopia* também reitera a teoria de que as notícias são uma construção social e não o espelho da realidade. O Repórter 2, ao ser

---

<sup>17</sup> No tópico 5.3.2.2 vamos analisar, de forma mais aprofundada, o agendamento dos acontecimentos.

questionado por esta pesquisa sobre a linguagem utilizada em seus textos, afirmou que busca uma linguagem acessível, que possa ser entendida por todos os ouvintes da emissora, independente de sua classe social ou formação. Em função disso, pode-se perceber a importância de se escolher corretamente o código para que a mensagem seja compreendida e se transforme em discurso. Do trabalho de operar com vários discursos resultam construções, que, no jargão jornalístico, podem ser chamadas de notícias. Com base em tudo o que foi citado, é muito difícil que o ouvinte tenha uma impressão contínua e completa da realidade, mesmo quando guiado por um jornalista, até porque a realidade se (re)constrói diante do olhar de cada um.

### **5.3.2 O processo de produção da notícia**

#### **5.3.2.1 Definição das pautas**

Os assuntos que serão abordados em reportagens para o *Jornal Utópico* são decididos pela coordenação de jornalismo da *Rádio Utopia*, que faz um planejamento dos acontecimentos que podem ser previstos e, por isso, pautados com antecedência. Encontros políticos, datas festivas, eventos culturais, religiosos, sociais ou desportivos são exemplos desses acontecimentos. O banco de matérias da *Rádio Utopia*, no qual ficam arquivadas as pautas que podem ser programadas, funciona perfeitamente como a “agenda de serviço” proposta por Mauro Wolf (2001).

A agenda de serviço, nas suas diferentes formas e características organizativas, é constituída essencialmente pela lista diária dos acontecimentos que sobrevirão e cuja noticiabilidade é, em grande parte, dada como certa. Trata-se, obviamente, de acontecimentos previstos no tempo, fixados antecipadamente em agenda; por isso, na sua maioria, são factos que se situam na esfera político-institucional-administrativa ou judiciária, e que permitem que os órgãos de informação organizem com uma certa antecedência o seu próprio trabalho (WOLF, 2001, p. 237).

Para esses casos, há dois jornalistas destacados exercendo a função de produtores, ou “pauteiros”, na linguagem dos profissionais da rádio. No entanto, não há um pauteiro destacado para a produção de pautas específicas para o *Jornal Utópico*. Os produtores trabalham para todos os produtos jornalísticos da rádio.

Ao chegar à redação da rádio, a editora recebe da coordenação de jornalismo o planejamento do dia, que traz o que cada repórter irá cobrir naquela manhã ou o que eles já deixaram pronto do dia anterior. Ela não tem autonomia para decidir quais pautas serão feitas pelos repórteres, nem para alterar o planejamento da cobertura jornalística, definido anteriormente pela coordenação. A editora do *Jornal Utópico* apenas escolhe entre as matérias que estão prontas ou estão sendo feitas, as que irão compor o noticiário do dia.

Apesar de existir o banco de pautas e de algumas notícias poderem ser produzidas com antecedência, já faz parte da rotina da rádio as pautas que chegam ao conhecimento dos jornalistas por meio de ouvintes que fazem contato com a rádio e informam sobre acontecimentos nas proximidades de suas residências, no trânsito, denúncias de crimes e as mais variadas ocorrências, geralmente sobre as editorias de cidades ou polícia.<sup>18</sup> Na linguagem dos profissionais da rádio, são as notícias que “sobem escada”. É uma característica da *Rádio Utopia* a familiaridade com o ouvinte, os quais até mesmo ligam para a rádio pedindo para falar com determinado repórter, tratando-os com intimidade.

Vários são os exemplos de pautas que surgiram pelo intermédio de fontes ou de ouvintes que ligaram para a redação durante os dias e nos horários em que estava sendo realizada a observação participante, como mostra o quadro a seguir:

---

<sup>18</sup> No tópico 5.3.3 vamos analisar, de forma mais aprofundada, a relação com os ouvintes.

<b>Data</b>	<b>Pauta</b>	<b>Fonte</b>
22/08/05	Criminosos pegos com armas e drogas em Contagem	Polícia Militar
22/08/05	Vinte e cinco crianças passando mal por causa de vacina estragada	Ouvinte (primo de uma repórter da rádio)
22/08/05	Motoqueiro morto à queima-roupa por policial militar	Ouvinte (não quis se identificar)
22/08/05	Crianças que passam o dia inteiro em uma <i>lan house</i>	Ouvinte (tia de um dos garotos)
23/08/05	Assalto a banco na região da Pampulha	Ouvinte (vizinho do banco)
25/08/05	<i>Serial killer</i> que está sendo beneficiado por delegado	Ouvinte (não quis se identificar)

Quadro 7 – Exemplos de pautas sugeridas por ouvintes e outras fontes

Fonte: Jornal Utópico.

As pautas sugeridas por ouvintes são apuradas pelos produtores e repórteres que procuram saber se as informações são verídicas. Nos casos de pautas que se encaixam na editoria de polícia, os dados são checados nas centrais de atendimento à imprensa da Polícia Militar, Polícia Civil, Corpo de Bombeiros, Polícia Rodoviária e demais fontes oficiais. Durante os dias de visita à *Rádio Utopia*, foi observado, em algumas ocasiões em que as fontes oficiais foram consultadas sobre registros de ocorrências informadas pelos ouvintes, que esses preferem informar os acontecimentos primeiramente à rádio do que à polícia. A pauta sobre o assalto a banco na região da Pampulha, sugerida no dia 23/08/05, ilustra bem essa relação de familiaridade e confiança que o público estabelece com a emissora. Quando informada do caso, uma produtora da rádio ligou para a Polícia Militar que ainda não tinha sido acionada e não sabia informar nada sobre a ocorrência.

No entanto, as pautas sugeridas por ouvintes nem sempre ganham crédito. A pauta sugerida no dia 25/08/05, sobre um *serial killer* que estaria sendo beneficiado pela “vista grossa” que o delegado que cuidava do caso estava fazendo para as denúncias, é um exemplo. A repórter que recebeu a ligação tentou saber do ouvinte ao menos sobre qual delegacia ele

estava se referindo ou o nome do delegado, mas, como a pessoa não quis dar mais detalhes, a denúncia não foi investigada. Ao ser questionada em entrevista para esta pesquisa sobre sua decisão de não prosseguir com a apuração da pauta sugerida, a repórter afirmou:

O ouvinte não se identificou e nem quis falar em qual delegacia está acontecendo isso, então não posso repercutir... Mas será que isso é verdade? Não deve ser não... É muito tenebroso pra ser verdade. (Repórter 1- 18 anos de *Rádio Utopia*)

Apesar de existir o banco de pautas na *Rádio Utopia* e dos repórteres terem que fazer as reportagens que lhes são passadas pela coordenação de jornalismo, em entrevistas sobre suas rotinas de trabalho, os repórteres da rádio afirmaram ter autonomia sobre as pautas que realizam. Vejamos o depoimento:

Eu tenho liberdade de escolher pautas e de dizer “não, essa matéria eu não quero fazer”. Eu tenho muita autonomia para mudar a pauta também. E normalmente como as idéias que eu tenho são melhores que as da pauta que eu recebo, eu acabo vendendo as minhas idéias, daí eu mesma produzo, ligo para as pessoas para marcar entrevistas. Normalmente eu trabalho fora de pauta. (Repórter 1 - 18 anos de *Rádio Utopia*)

No exemplo a seguir, o repórter, além de evidenciar a liberdade de escolha de pautas, ainda comenta os vários meios existentes para que uma pauta se transforme em matéria:

A pauta me chega por vários caminhos. Tem o pauteiro que me passa algumas coisas que já são previamente conhecidas por causa do arquivo dele. Outro canal são as pautas que chegam à redação pelos ouvintes. É gente que vê alguma coisa e telefona, é gente que tá querendo saber de algum concurso e telefona, é gente que precisa de informação urgente e telefona, enfim, são as mais variadas demandas que chegam na rádio através dos próprios ouvintes. Além disso tem também o processo de rádio escuta, porque da mesma forma que a rádio é ouvida em outros veículos, nós também ficamos o tempo todo com a televisão ligada, uma rádio ligada, pra poder buscar informações em outros veículos. E tem também um outro modo de se fazer reportagem que é sair pra rua e ver as coisas irem acontecendo e você ir documentando. Gosto mais desse último jeito, me dá mais liberdade. (Repórter 2 – 20 anos de *Rádio Utopia*)

Como constatado pelos dois depoimentos acima e pela observação do trabalho de demais repórteres da *Rádio Utopia*, as pautas executadas para os produtos jornalísticos da emissora são, em sua maioria, definidas pelos próprios repórteres, que têm o hábito de pautarem a si próprios. Não foi observado durante os dias da pesquisa o aproveitamento de *releases* na produção de pautas para o *Jornal Utópico*.

### 5.3.2.2 Processo de apuração

O processo de apuração de notícias para o *Jornal Utópico* começa quando a editora responsável chega à redação, às 9h, e se encerra por volta de 12h20, poucos minutos antes da edição ir ao ar. Primeiramente, ela lê as capas de todos os jornais impressos que chegam à *Rádio Utopia* e também os cadernos de política, economia e nacional desses veículos.

Foi observado que a editora não se concentra na apuração do noticiário de cidades e de polícia, pois estas editorias compõem a maior parte das pautas cobertas pelos repórteres (os que não são correspondentes), ficando a apuração a cargo dos pauteiros e dos próprios repórteres. As notícias internacionais são apuradas à parte por uma jornalista destacada para a função, para a qual a editora estipula um tempo que é variável em cada edição. Essa jornalista fica responsável por passar à editora as manchetes<sup>19</sup> da editoria e pela apresentação das notícias internacionais, cujas informações chegam à *Rádio Utopia* por meio de contrato com duas agências de notícias, a BBC Brasil e a Rádio França Internacional, e pelo correspondente que a emissora mantém nos Estados Unidos. O noticiário esportivo, que integra o *Jornal Utópico*, não é produzido pela equipe de jornalismo, e sim pela equipe de esportes, que fica instalada em outra redação.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> No tópico 5.3.2.8 vamos analisar, de forma mais aprofundada, a escolha das manchetes.

<sup>20</sup> A análise da produção do noticiário esportivo que integra o *Jornal Utópico* não será feita nesta pesquisa.

Após ler os jornais do dia, a editora começa a apurar as notícias de agências na internet<sup>21</sup> e se reúne rapidamente com a coordenação de jornalismo para saber quais pautas estão sendo produzidas na parte da manhã e quais matérias já estão prontas do dia anterior. Essa reunião acontece de maneira informal: os jornalistas conversam em pé, andando pela redação, ou até mesmo à distância, gritando uns com os outros para se fazerem escutar em meio à agitação da redação. Vejamos o depoimento da editora:

Depois que eu leio tudo nos jornais e nas agências, eu vou atrás da produção e da coordenação, pra ver como é que está a nossa pauta do dia. E é tudo muito rápido, na correria do jornalismo diário não dá pra você ficar administrando burocracia. Daí eu checo as pautas que já foram feitas e vejo o que cada repórter vai fazer durante a manhã. Assim eu já vou tendo uma noção da pauta que foi pra rua. Aí eu começo a acompanhar o repórter, ligo pra ele na rua, pergunto se a matéria vai render e vou acompanhando aquele planejamento que a gente fez pra ver se vai rolar. Enquanto isso vou checando agência, ronda de agência é o tempo todo. (Editora – 21 anos de *Rádio Utopia*)

As notícias que compõem o espelho<sup>22</sup> do jornal e que não serão apresentadas em formato de matérias são todas redigidas pela editora, como mostra o trecho a seguir:

Enquanto o pessoal está na rua eu já vou redigindo as matérias que chegam de agências e que são importantes. Aí eu faço o corpo da matéria, que ainda não é a notícia definitiva, aí quando vai aproximando a hora do jornal, eu vou atualizando a notícia, principalmente notícia de mercado financeiro. Por exemplo, hoje na hora que eu comecei a fazer o jornal, o dólar já tinha caído mais de dois por cento, só que quando estava aproximando a hora do jornal, essa queda dele já tinha sido reduzida. Pro grande público essas informações podem não dizer nada, mas tem muito empresário, profissional liberal que ouve o jornal e que pra eles essas informações são importantes. Então você não pode dar notícia velha. As notícias mais perecíveis você tem que deixar pra atualizar até dez minutos antes do jornal, e às vezes até no meio do jornal, eu vou mudando. (Editora – 21 anos de *Rádio Utopia*)

---

<sup>21</sup> No tópico 5.3.2.5 vamos analisar, de forma mais aprofundada, a interferência da internet na produção do noticiário.

<sup>22</sup> Espelho são as várias laudas que compõem o material do noticiário que será lido pelo locutor. Cada notícia é impressa separadamente em uma lauda.

As notícias sobre as localidades onde a *Rádio Utopia* mantém correspondentes já chegam prontas à redação. Elas são transmitidas por telefone ou pela internet, por meio de um programa de edição de áudio, e são gravadas pela equipe técnica da emissora. A apuração das informações e a construção do texto ficam a cargo dos repórteres. A editora apenas escuta as matérias para decidir se podem ser aproveitadas e redige as manchetes e aberturas que serão lidas pelo locutor. Durante os dias de investigação, não foram feitos cortes nas matérias enviadas pelos correspondentes, todas foram transmitidas na íntegra.

No entanto, foi observado que nem todas as matérias enviadas pelos correspondentes são aproveitadas pela editora. No dia 24/08/05, por exemplo, uma das repórteres que fazem a cobertura de Brasília mandou duas matérias na parte da manhã. A coordenadora de jornalismo alertou a editora para que ela checasse com atenção as duas reportagens, pois parecia que não traziam informações novas, só estariam reproduzindo o que já estava estampado na capa dos jornais do dia: a dúvida sobre o depoimento de Rogério Buratti na CPI dos Bingos e a queda na popularidade do presidente Lula, devido à crise política. Quando a editora escutou as matérias, decidiu-se apenas pela reportagem que tratava da queda de popularidade do presidente, porque, segundo ela, a outra já estava “totalmente batida”. E, imediatamente, a editora ligou para a repórter em Brasília e falou: “O que está acontecendo com você hoje? Parece que abriu uma caixa de naftalina”.

### **5.2.3.3 Relação com as fontes**

Durante a semana de acompanhamento do processo de produção do noticiário do *Jornal Utópico*, foi registrada a interação dos jornalistas da *Rádio Utopia* com suas fontes por meio da observação do trabalho dos repórteres e de entrevistas. Vejamos o seguinte depoimento:

As fontes geralmente me procuram, e isso é fruto do meu trabalho. Por exemplo, o Marcos Valério eu não conhecia e passei a conhecer como todo mundo, através desta crise. Tentei falar com ele durante muito tempo por meio da assessora dele, que não me conhecia pessoalmente, mas me conhecia do rádio e sempre me tratou muito bem, como se me conhecesse há muito tempo. (Repórter 1 - 18 anos de *Rádio Utopia*)

Na entrevista, a Repórter 1 comenta o tratamento que recebeu da assessora do publicitário Marcos Valério, acusado de ser o operador do esquema do “mensalão”, e um dos responsáveis pela crise política que o país enfrentava no período da pesquisa. A repórter deixa claro que, mesmo não a conhecendo, a assessora de Marcos Valério sempre a tratou muito bem porque a conhecia do rádio. O tratamento destinado pela Repórter 1 à assessora do ex-deputado Roberto Jefferson também foi observado durante a visita. A repórter telefonou para saber quando Roberto Jefferson voltaria a dar entrevistas e, em meio à conversa, tratou a assessora por “querida” e “meu bem”, e perguntou se o nome dela “estava no topo da lista” para quando o ex-deputado voltasse a falar com a imprensa.

Ao entrevistar a Repórter 1, ficou claro que os limites de sua relação pessoal e profissional com as fontes se misturam, como comprova o exemplo a seguir, no qual ela conta como conseguiu uma entrevista exclusiva com uma cafetina que organizava festas para parlamentares em Brasília:

Eu fui num casamento e o deputado Virgílio Guimarães estava lá. Eu tinha lido antes numa coluna do JB que no final de semana uma revista de circulação nacional iria trazer fotos comprometedoras de parlamentares nas festas da cafetina, e tinha um petista que tinha sido candidato a presidente da Câmara. Então eu cheguei perto do deputado e brinquei com ele assim: “deputado, eu acho que é o senhor que vai sair...”. Aí ele disse: “o que é isso?” Aí eu contei o caso, ele me contou umas coisas que ele sabia e daí eu perguntei se ele tinha o contato da cafetina e ele falou que sim. Daí eu falei com ele: “Então amanhã a primeira coisa que você vai fazer quando acordar é ligar pra ela e perguntar se ela me dá uma entrevista”. E quando eu cheguei em casa ele me ligou e falou que ela tinha aceitado me dar a entrevista. Então eu voltei pra rádio e fiz a entrevista com ela. A partir daí ela passou a me ligar. E acho que foi o bom tratamento que eu dei pra ela que permitiu isso, sabe? Eu não a tratei como prostituta, eu a tratei normalmente, queria só saber os fatos. E eu percebi que ela tem muito mais coisas pra falar e eu sei que quando ela quiser falar, ela vai falar pra mim. Então foi uma tática

minha eu não tê-la pressionado tanto. Ela falou coisas boas que deram satisfação pra mim e pro ouvinte, além de ter sido uma entrevista exclusiva. E eu sei que na hora certa, quando ela quiser falar mais, ela vai falar pra mim. Eu posso até estar errada, mas eu já criei um ambiente com ela de confiança. Ela já confia em mim, já me liga e já me passa as informações. (Repórter 1 - 18 anos de *Rádio Utopia*)

O depoimento da Repórter 1 evidencia que ela estabelece uma relação de intimidade com a fonte para chegar ao ponto de, mesmo que em tom de brincadeira, intimar o deputado em questão para ligar para a cafetina e conseguir uma entrevista para ela, assim que acordasse. Além disso, segundo a repórter, o “bom tratamento” que ela concedeu à cafetina, permitiu que a entrevistada estabelecesse uma relação de confiança com a jornalista, o que pode facilitar seu trabalho futuramente. Mais um trecho da entrevista que comprova a mistura da vida pública com a vida privada da Repórter 1 com suas fontes, vem a seguir:

Tem uma coisa muito importante no nosso trabalho que é a confiança que a fonte tem em você. Por exemplo, o Marcos Valério confia no meu trabalho, porque o que eu ponho lá é o que ele fala. Eu não faço juízos de valor sobre Marcos Valério. Então, essas coisas ele toma conhecimento. Tem pessoas que me ligam na minha casa pra passar matéria pra mim, entendeu? Primeiramente você procura a pessoa, aí através da conversa você adquire respeito pela fonte, respeito pela pessoa. (Repórter 1 - 18 anos de *Rádio Utopia*)

A relação de confiança que os jornalistas da *Rádio Utopia* constroem com suas fontes também é citada pela Repórter 3:

Com o tempo, todo repórter, principalmente o de polícia, vai criando uma rede de fontes paralelas. Por exemplo, é óbvio que a sala de imprensa da Polícia Civil não vai me informar sobre um crime cometido por um policial. Essa informação eu consigo com um detetive da delegacia de homicídios em quem eu confio muito e que sempre me liga quando acontece alguma coisa que está ali por debaixo dos panos, ou com algum oficial que me conta as coisas quando eu não consigo apurar uma informação. São fontes que eu nunca identifico, porque esta relação se constrói na base da confiança. Ao mesmo tempo em que eu confio neles, eles confiam em mim. E aqui na rádio a gente é beneficiado com a notícia que sobe escada. A rádio tem uma proximidade muito grande com o ouvinte, e isso facilita muito o nosso trabalho. Por exemplo, se tiver um acidente perto do Ceasa que está

interditando o trânsito completamente, você pode ter certeza absoluta que antes mesmo de eu ligar para a polícia rodoviária para fazer essa ronda, o Seu José vai me ligar do celular dele e avisar. Então essa relação com o ouvinte facilita muito. (Repórter 3 - 3 anos de *Rádio Utopia*)

Além da rede de fontes paralelas que informam dados que não são passados pelas fontes oficiais, a Repórter 3 ainda aponta que a proximidade que os ouvintes mantém com a rádio, os coloca no papel de fontes cruciais para o trabalho dos jornalistas, principalmente os da editoria de polícia.

Entretanto, a relação com as fontes pode não ser tão amistosa quanto aparenta ser pelos depoimentos das Repórteres 1 e 3. Vejamos o exemplo a seguir:

A fonte que te dá a notícia quer aparecer, ela quer gozar de uma certa intimidade, se ela pisar na bola, ela não quer ser criticada. É uma relação permanente de confronto, mas que a gente administra procurando ser honesto e ser leal, sem subterfúgios, sem sacanagem. Mas isso é mais complicado pra quem atua na área política, como eu, felizmente, tô me desvinculando cada vez mais dessa área, não sofro tanto não. (Repórter 2 – 20 anos de *Rádio Utopia*)

Pelo depoimento do Repórter 2, podemos perceber que a relação com as fontes também pode ser de “permanente confronto”. Durante a semana de visita à redação da *Rádio Utopia*, foi observada uma conversa entre o Repórter 2 e uma produtora, na qual ele contava que, há algum tempo, tinha perdido uma fonte valiosa que trabalhava dentro de uma delegacia da Polícia Civil, porque essa se julgava intocável e não gostou de ser criticada pelo repórter. Quando encontra dificuldades para gravar entrevista com determinada fonte, o repórter afirmou que faz uso de algumas estratégias:

Tem hora que você finge de bobo e liga o gravador, tem hora que você respeita, porque faz sentido, tem hora que você memoriza, tem hora que você combina com a pessoa de distorcer a voz, tem hora que você só ouve o grosso porque você só vai precisar de alguns detalhes, tem hora que você desconfia. Então, cada caso é um caso. Mas é preciso ter sempre em mente, principalmente na cobertura policial, que todo mundo que tá falando contigo só tem uma versão, ninguém é dono da verdade. Você não pode acreditar

cegamente naquilo porque você pode prejudicar de forma irrecuperável a vida dos outros. (Repórter 2 – 20 anos de *Rádio Utopia*)

Como visto, o Repórter 2 possui vários recursos para solucionar o problema de gravar entrevistas quando encontra dificuldades para isso, mesmo que algumas atitudes sejam questionáveis do ponto de vista ético, uma discussão que não será aprofundada nesta pesquisa. Ainda assim, o repórter evidencia sua preocupação em ouvir todos os lados da notícia, para que nenhuma parte seja prejudicada na cobertura jornalística.

#### 5.3.2.4 Interferência da internet

A internet é, sem dúvida, uma das principais fontes de informação para o noticiário do *Jornal Utópico*, principalmente para as notícias nacionais e internacionais. Entretanto, foi constatado que, na maioria das vezes em que as agências de notícias *online* são consultadas para apuração de informações, a internet não serve apenas como uma referência, e sim como a base de toda a apuração. Não são raras as vezes que foram observadas cópias quase fiéis de textos de agências e sítios informativos para o espelho do *Jornal Utópico*.

A tão condenada prática de cópia de textos da internet, que já foi banalizada pela expressão *Control C, Control V*,<sup>23</sup> é freqüentemente usada na produção das notícias que são lidas pelo apresentador do jornal. Durante os dias de observação participante, foram anotados os sites utilizados pela editora do jornal para fazer a ronda<sup>24</sup> nas agências de notícias. Além disso, também foram anotadas as manchetes das notícias selecionadas pela editora, para que se pudesse acessá-las fora da redação para recolhimento de dados para esta análise. Abaixo estão reproduzidas, na íntegra, três notícias publicadas em sites consultados na produção do

<sup>23</sup> Atalhos de teclado utilizados para copiar e colar, respectivamente, documentos de um arquivo para outro.

<sup>24</sup> Na linguagem jornalística ronda significa a prática de se recorrer a determinadas fontes de informação para apuração de notícias. Fazer ronda em agências de notícias significa acessar sites jornalísticos que trazem informação atualizada a todo instante.

*Jornal Utópico* e as respectivas notícias que foram levadas ao ar por esse veículo, e que foram gravadas e transcritas<sup>25</sup> para esta análise.

Uma estudante de 19 anos forjou durante esta semana o próprio seqüestro em Ribeirão Preto, interior paulista. Nos dois dias de sumiço, a família recebeu telefonemas com pedidos de resgate no valor de R\$ 25 mil. A moça é filha de um gerente do Banco do Brasil e vai responder por tentativa de extorsão. De acordo com a *EPTV*, os policiais monitoraram as ligações e encontraram a garota em uma agência bancária de São Carlos, na região central do Estado. Ela esperava pelo depósito do resgate, segundo a polícia.  
*Portal Terra Notícias*. 27 de agosto de 2005.<sup>26</sup>

Uma estudante de 19 anos forjou o próprio seqüestro em Ribeirão Preto, interior paulista. Nos dois dias de sumiço, a família recebeu telefonemas com pedido de resgate no valor de vinte e cinco mil reais. A moça é filha de um gerente do Banco do Brasil e vai responder por tentativa de extorsão. Os policiais monitoraram as ligações e encontraram a garota em uma agência bancária de São Carlos, na região central do Estado. Ela esperava pelo depósito do resgate, segundo informou hoje a polícia.  
*Jornal Utópico*. 27 de agosto de 2005.

Nota-se que a notícia do *Portal Terra Notícias* foi praticamente lida na íntegra pelo apresentador do *Jornal Utópico*, o que comprova o uso da internet não apenas como um recurso para a apuração de informações, mas sim como uma fonte de notícias prontas. As únicas diferenças entre os textos são a supressão do trecho “De acordo com a *EPTV*” e a adição das palavras “informou hoje” no final da notícia. Vejamos o próximo exemplo:

Milhares de voluntários trabalharam duro hoje, ao lado dos encarregados de resgate, para limpar montanhas de entulho deixadas pelas fortes chuvas de Berna a Bucareste, que causaram prejuízos de mais de US\$ 1 bilhão só na Suíça. Centenas de pessoas retornaram a suas casas danificadas pela inundação na Suíça e outras partes da Europa central e nos Bálcãs, onde chuvas torrenciais mataram mais de 40 pessoas na semana passada. Na capital suíça, Berna, a maioria dos 1,1 mil residentes da cidade velha, evacuada pelo receio de que os edifícios seculares desmoronassem, recebeu permissão para voltar, mas o fornecimento de água e eletricidade não tinha sido restaurado. "O risco de inundação diminuiu, mas há muita limpeza a ser feita", disse o porta-voz da polícia de Berna, Franz Maerki. No sul da Alemanha, represas construídas às pressas sobre o rio Danúbio evitaram

<sup>25</sup> A ortografia e a pontuação dos textos transcritos foram deduzidas por esta pesquisa.

<sup>26</sup> <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI644444-EI306,00.html>

graves danos por inundações na cidade de Regensburgo, mas parte do velho centro de Passau ainda estava sob as águas. Cerca de 30 mil pessoas participaram da limpeza e do trabalho para evitar novas inundações. Ainda há cerca de 1,5 milhão de sacos de areia espalhados por pontos estratégicos na região. Fortes chuvas durante a noite nas províncias de Styria e Caríntia, no sul da Áustria, provocaram mais deslizamentos de terra e inundações, mas não há registro de vítimas. As estradas de acesso aos populares pontos turísticos nas montanhas da província do Tirol, no oeste do país, foram reabertas, mas muitas delas continuam fechadas para caminhões e outros veículos pesados. O governo austríaco estima os prejuízos em centenas de milhões de euros. A expectativa é de que as ligações elétricas e telefônicas sejam todas restabelecidas na província montanhosa até a noite de sábado, disse a agência de notícias austríaca APA. Na Suíça, o principal acesso aos Alpes, o túnel Gotthard, foi reaberto ao tráfego depois de ficar fechado por cinco dias. Mas algumas aldeias alpinas continuam isoladas. Aposentados da aldeia de Klosters, ponto de esqui frequentado pelo príncipe Charles do Reino Unido, ainda estão abrigados num hotel, onde foram recolhidos depois da inundação da instituição onde viviam. Centenas de turistas no resort montanhoso de Engelberg passaram o sexto dia isolados do resto da Suíça. Foram previstas mais chuvas para a Suíça, mas com menor intensidade que as do começo da semana. A previsão é de que ocorram principalmente no sul dos Alpes, na região de Ticino, que foi poupada do dilúvio anterior. Mais de 30 pessoas morreram na Romênia, e dez morreram na Suíça e na Áustria. Um jovem que estava num pequeno barco com dois amigos morreu afogado na Alemanha, na quarta-feira.

*Portal Terra Notícias. 27 de agosto de 2005.*<sup>27</sup>

Milhares de voluntários trabalharam duro hoje, ao lado de equipes de resgate para limpar montanhas de entulho deixadas pelas fortes chuvas em várias partes da Europa. As tempestades causaram prejuízos de mais de um bilhão de dólares só na Suíça. Centenas de pessoas retornaram a suas casas danificadas pela inundação no país e outras regiões da Europa central e nos Balcãs. As chuvas torrenciais mataram mais de quarenta pessoas nos últimos dias. No sul da Alemanha, represas construídas às pressas sobre o rio Danúbio evitaram graves danos por inundações, mas algumas regiões também foram atingidas. Fortes chuvas atingiram também o sul da Áustria e provocaram deslizamentos de terra e inundações.

*Jornal Utópico. 27 de agosto de 2005.*

O exemplo deixa claro que a notícia foi copiada do *Portal Terra Notícias* pelo *Jornal Utópico*, e que esse apenas fez uma edição do texto. Provavelmente, se a notícia tivesse sido redigida por jornalistas da rádio, o termo “Balcãs”, incomum da linguagem coloquial de rádio e certamente desconhecido pela maioria dos ouvintes, não teria sido utilizado. Sigamos para o último exemplo:

<sup>27</sup> <http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI644463-EI314,000.html>

Mais de R\$ 100 milhões da poupança para a aposentadoria de 75 mil funcionários públicos foram parar nas mãos dos operadores do mensalão. Um pedaço dessa bolada (as investigações ainda não revelaram quanto) foi desviado para o exterior, principalmente paraísos fiscais do Caribe. O esquema foi executado em 2003 e 2004 e envolve pelo menos cinco fundos de pensão de empresas estatais. Os fundos, que são os investidores mais ricos do país, teriam perdido dinheiro - fraudando os associados de propósito. Na outra ponta, a dos que embolsavam o produto da fraude, aparece um grupo de operadores de São Paulo. O espantoso é que quase todos eles ganharam notoriedade recentemente por ter lavado dinheiro da dupla Delúbio Soares e Marcos Valério. As informações são da revista *Época*. Depois que o publicitário Duda Mendonça confessou ter recebido R\$ 10 milhões do PT, nas Ilhas Virgens, passou-se a suspeitar da existência de contas secretas fora do país pertencentes ao Partido dos Trabalhadores. Estão sendo investigadas várias trilhas, como a presença de doleiros nos saques que Marcos Valério mandava fazer no Banco Rural e acusações, ainda muito nebulosas, do doleiro paulista Antonio Oliveira Claramunt, que disse ter mandado dinheiro para petistas no exterior. Pelo que revista apurou, o pessoal do mensalão já vinha depenando os fundos de pensão pelo menos desde o início do governo Lula. Os cinco fundos de pensão que tomaram prejuízo são: Refer (dos funcionários da antiga Rede Ferroviária), Portus (Companhia Docas), Real Grandeza (Furnas), Centrus (Banco Central) e Nucleos (Eletronuclear). Segundo investigações conduzidas pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e pela Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F), eles participaram de uma cascata de operações financeiras forjadas, todas guardando grande semelhança entre si no mercado futuro de índices. A lista dos envolvidos parece desfile da CPI dos Correios. Um dos nomes que mais aparecem é o de José Carlos Batista, de 49 anos, um operador de mercado sem emprego fixo, alvo de inquéritos na CVM. Nesta semana, Batista tem depoimento marcado em duas CPIs, na dos Correios e na do Mensalão. Batista é o misterioso sócio da Garanhuns, uma empresa de fachada cuja sede fica num terreno baldio da Grande São Paulo. Ela recebeu R\$ 10 milhões das empresas de Marcos Valério no Banco Rural e repassou o dinheiro ao presidente do PL, Valdemar Costa Neto. A Garanhuns foi criada em 1999 por Lúcio Bolonha Funaro, um especulador profissional muito conhecido em São Paulo. Aos 32 anos, Funaro tem patrimônio declarado de R\$ 12 milhões, circula em carros de luxo e aluga helicóptero nos fins de semana para visitar fazendas de amigos. Uma de suas especialidades é ganhar dinheiro dos fundos de pensão.

*Último Segundo*. 27 de agosto de 2005.<sup>28</sup>

Mais de cem milhões de reais da poupança para a aposentadoria de setenta e cinco mil funcionários públicos foram parar nas mãos dos operadores do mensalão. É o que denuncia a revista *Época* deste final de semana. Um pedaço dessa bolada foi desviado para o exterior, principalmente paraísos fiscais do Caribe. Segundo a revista, o esquema foi executado em 2003 e 2004 e envolve pelo menos cinco fundos de pensão de empresas estatais. Os fundos, que são os investidores mais ricos do Brasil, teriam perdido dinheiro fraudando os associados de propósito. Na outra ponta, a dos que embolsavam o dinheiro da fraude, aparece o grupo de operadores de São Paulo. Os cinco fundos de pensão que tomaram prejuízo foram Refer, dos funcionários da antiga rede ferroviária, Portus, dos empregados da

<sup>28</sup> [http://ultimosegundo.ig.com.br/materias/brasil/2094501-2095000/2094557/2094557\\_1.xml](http://ultimosegundo.ig.com.br/materias/brasil/2094501-2095000/2094557/2094557_1.xml)

Companhia Docas, Real Grandeza, dos funcionários de Furnas, Centrus, dos funcionários do Banco Central, e Núcleos, dos empregados da Eletronuclear. De acordo com a reportagem da revista *Época*, investigações conduzidas pela Comissão de Valores Mobiliários e pela Bolsa de Mercadorias e Futuros constataram que estes fundos participaram de uma cascata de operações financeiras forjadas. A lista dos envolvidos é grande. Um dos nomes que mais aparecem é o de José Carlos Batista, de quarenta e nove anos, um operador de mercado sem emprego fixo, alvo de inquéritos na comissão. Na próxima semana, Batista tem depoimento marcado em duas CPIs, na dois correios e na do mensalão. Ele é o misterioso sócio da Garanhuns, uma empresa de fachada cuja sede\* num terreno baldio da Grande São Paulo. A empresa recebeu dez milhões de reais das empresas de Marcos Valério no Banco Rural e repassou o dinheiro ao presidente do PL, Valdemar Costa Neto. A Garanhuns foi criada em 1999 por Lúcio Bolonha Funaro, um especulador profissional muito conhecido em São Paulo. Aos trinta e dois anos, Funaro tem patrimônio declarado de doze milhões de reais. Ele circula em carros de luxo e aluga helicóptero nos fins de semana para visitar fazendas de amigos. Uma de suas especialidades é ganhar dinheiro dos fundos de pensão.

*Jornal Utópico*. 27 de agosto de 2005.

Mais uma vez, fica evidente a prática de cópia de textos da internet para a produção de notícias para o *Jornal Utópico*. No caso específico da notícia sobre o rombo nos fundos de previdência, é possível perceber que a editora teve o cuidado de adaptar para a linguagem de radiojornal trechos do texto retirado do site *Último Segundo*, que traziam características marcantes do jornalismo *online*, como, por exemplo, o uso de parênteses. Onde há um asterisco (\*) na transcrição da notícia do *Jornal Utópico* deveria haver o verbo “fica”, que, provavelmente, estava no espelho do jornal, mas não foi lido pelo apresentador.

A editora do *Jornal Utópico*, quando questionada sobre a possibilidade de transmitir uma informação equivocada em seu noticiário, devido ao peso que a internet tem na apuração de notícias naquela redação,<sup>29</sup> disse que confia no que é publicado pelas agências de notícias:

Olha, a internet ajuda hoje muito a gente com o noticiário nacional. Eu pego muita informação e depois confiro as informações das agências com o repórter de Brasília ou São Paulo, o que for. Dou uma conferida, porque as grandes agências tem grandes jornalistas, eles têm responsabilidade com aquilo, entendeu? Mesmo que nós tenhamos repórteres em outras

---

<sup>29</sup> É característica de grande parte dos sites jornalísticos a transmissão de informação em tempo real, ou seja, no momento em que ocorrem os fatos ou após poucos instantes, o que pode acarretar falhas na apuração das informações.

localidades, não dá pra cobrir tudo. Então todos os veículos de hoje consultam as agências. Quando o assunto é muito delicado, eu tento pedir pra um repórter investigar. (Editora – 21 anos de *Rádio Utopia*)

Apesar da editora afirmar que confere as informações retiradas da internet com os repórteres, nos seis dias de acompanhamento da produção do *Jornal Utópico*, esta prática não foi observada. Também não foi observada a conferência das informações retiradas de agências de notícias ao longo da produção do jornal, já que as notícias publicadas em tempo real têm a característica de serem atualizadas a todo momento para o complemento de informações ou a correção de dados que, por ventura, contenham erros de apuração.<sup>30</sup>

### 5.3.2.5 Fator tempo

Certamente, o tempo é fator determinante no processo de produção do *Jornal Utópico*. Para colocar no ar um jornal que, segundo a editora, tem duração efetiva de 17 minutos de notícias,<sup>31</sup> dispõe-se de, em média, três horas e vinte minutos para a produção.<sup>32</sup> Questionada em entrevista para esta pesquisa sobre o que mais lhe pressionava na produção do *Jornal Utópico*, a editora respondeu prontamente: “O tempo é a maior pressão. A gente tem um tempo mínimo pra fazer tudo”.

Além do tempo já ser um fator de pressão, os contratempos que surgem ao longo do processo também contribuem para aumentar a tensão dos envolvidos na produção do noticiário. Na edição do dia 23/08/05, por exemplo, houve muita correria no fechamento do jornal devido à demora para o início do depoimento do ex-deputado Valdemar Costa Neto à CPI do Mensalão. O depoimento estava marcado para as 11h, mas ao meio-dia ainda não

---

<sup>30</sup> Embora a editora do *Jornal Utópico* tenha afirmado que o fez para atualização da cotação do dólar. Ver tópico 5.3.2.2.

<sup>31</sup> Descontados os comerciais e o noticiário esportivo.

<sup>32</sup> Considerando que a editora chega à redação às 9h e a produção do jornal encerra-se, geralmente, às 12h20.

havia começado. Um clima tenso instalou-se na redação, pois a editora não podia ficar acompanhando a todo instante, pela televisão, o início do depoimento. Segundo ela, era preciso gravar, ao menos, as primeiras palavras do ex-deputado para entrar como sonora, já que este era o fato mais importante daquela manhã em Brasília.<sup>33</sup> Mas ela não podia realizar a tarefa porque precisava fazer as manchetes da edição. Então, deixou o apresentador do jornal encarregado disso até o momento de irem para o estúdio. O depoimento começou 12h20, quando faltavam apenas dez minutos para o início da edição. Foram gravados apenas os 40 segundos da fala inicial do ex-deputado.

Outro contratempo foi observado no dia 25/08/05, quando também haveria depoimento em Brasília, desta vez na CPI dos Bingos. Até às 10h, o depoimento do ex-assessor de Antônio Palocci, Rogério Buratti, não estava confirmado. Quando chegou à redação a informação de que Buratti realmente iria depor naquele dia, já estavam faltando 20 minutos para o jornal ir ao ar. Então, foi realizado o mesmo procedimento do dia 23/08: a editora pediu que fossem gravadas as primeiras frases do depoimento. No entanto, ela só foi ouvir a gravação quando faltavam apenas três minutos para o início da edição e percebeu que, no trecho gravado, Buratti só estava comentando sobre sua vida pessoal, o que, segundo ela, não interessava.

Em decorrência disso, a editora decidiu transmitir o som ao vivo da CPI, diretamente da televisão. Contudo, o espelho do jornal não estava preparado para esta mudança. A editora passou, então, a redigir à mão o texto para o apresentador quase que no mesmo instante em que era lido. A tensão atingiu o ápice quando o apresentador se confundiu com as várias laudas do espelho que estavam espalhadas à sua frente e leu uma notícia no lugar de outra. Nesse instante, a apresentação foi interrompida com um silêncio até que a editora achasse o texto correto. Já no fim da edição, o apresentador não leu o encerramento de uma matéria da

---

<sup>33</sup> É rotina na *Rádio Utopia* a gravação de sonoras diretamente da televisão, principalmente depoimentos e/ou pronunciamentos de políticos e pessoas públicas.

forma como estava no espelho e, quando o jornal já estava fora do ar, a editora entrou no estúdio e esbravejou: “Como você faz isso? Você não tem autonomia pra criar um texto!” E ele nada respondeu.

### 5.3.2.6 Critérios de noticiabilidade

Conforme foi observado nos dias de visita à redação da *Rádio Utopia* e na entrevista com a editora do *Jornal Utópico*, os critérios de noticiabilidade que norteiam a produção de notícias para o referido jornal são: importância, impacto, ineditismo, drama, proximidade, abrangência e interesse, como mostra o depoimento a seguir:

Primeiro tem que pensar o que é importante. Neste momento, os escândalos em Brasília é o mais importante. Quando não tem crise um dos principais critérios meus é o que mexe com o bolso da população. Ou o inusitado, ou aquilo que emociona as pessoas, ou revolta ou irrita, coisas assim... São aqueles critérios mesmo de proximidade, do que realmente afeta o maior número de pessoas possíveis, entendeu? Porque o esgoto arrebentando na porta da sua casa pode ser importante pra sua rua, mas é importante pro estado todo, pra capital toda? Essa história de esgoto pode caber num programa, porque ali o morador vai poder fazer a sua reclamação, mas no jornal não cabe. E esse jornal tem uma característica que eu tenho que ficar atenta o tempo todo, porque ele é em rede, ele vai pro interior do estado todinho, entendeu? Então eu não posso localizar muito a capital. Uma batida aqui na cidade, se não houve morte, se não houve nada, o que isso interessa pro interior? (Editora – 21 anos de *Rádio Utopia*)

Como demonstrou a esquematização da estrutura do noticiário, das 69 notícias veiculadas nas seis edições analisadas para esta pesquisa, 30,4% pertenceram à editoria de política, o que concorda com a afirmação da editora de que “neste momento, os escândalos em Brasília é o mais importante”. No entanto, as notícias da editoria de política que integraram as edições em questão trataram, em sua maioria, das movimentações em torno das três CPIs instaladas na capital federal, dos bastidores dos depoimentos e das repercussões que

a crise estava causando na economia do país, o que contrasta com as idéias de Marcelo Parada (2000) sobre o que realmente interessa ao público de um radiojornal:

A experiência indica que o ouvinte não tem paciência para bastidor da intriga a respeito da escolha do relator da Subcomissão de Assuntos Internacionais do Senado e como isso vai influenciar na escolha do candidato a prefeito da eleição de 2012. Política e economia devem ser abordados sempre sob a ótica do interesse público e do interesse do ouvinte (o que ele precisa e o que ele quer saber) (PARADA, 2000, p. 27).

A exceção à regra ocorreu na edição de sábado, dia em que não há atividades em Brasília e nem movimentação no mercado financeiro. Durante a produção do jornal, a editora reclamava a todo instante que as notícias publicadas pelas agências *online* estavam fracas. Assim, com o passar das horas e o aumento da pressão, a editora disse: “Hoje o que pintar pra mim tá bom”. Com base nessa afirmação, a editora foi questionada por esta pesquisa se aos sábados, devido à quebra de rotina da semana, os critérios de noticiabilidade perdem valor. E ela respondeu: “Quando o jornal tá ruim, a gente tem que se virar...”.

### **5.3.2.7 Processo de edição – a escolha das manchetes**

A escolha das manchetes é, claramente, o momento em que ocorre mais interação entre os agentes da produção do *Jornal Utópico*. Mesmo sendo a redação da escalada<sup>34</sup> uma responsabilidade da editora, participam informalmente deste processo os repórteres que assinaram as matérias que serão veiculadas na edição do dia. Eles sugerem manchetes para que não se repitam informações que serão dadas nas reportagens e debatem com a editora até decidirem-se pela melhor chamada.

---

<sup>34</sup> Escalada é o conjunto de manchetes que abrem um jornal.

Além de ser o mais interativo, o processo de escolha das manchetes é também um dos mais tensos de toda a produção. Foi observado que ele tem início, geralmente, uma hora antes da edição ir ao ar. Contudo, a escalada vai sendo alterada continuamente, dependendo das informações que vão sendo apuradas desde o momento em que as manchetes começam a ser redigidas, até o início do jornal. Neste período, algumas manchetes são retiradas da escalada e outras são incluídas. No quadro a seguir, estão relacionadas as manchetes que foram veiculadas em cinco das seis edições gravadas para esta pesquisa.<sup>35</sup>

<b>Dia</b>	<b>Manchete</b>	<b>Editoria</b>
22/08/05	Confronto em favela do Rio de Janeiro deixa cinco mortos	Nacional
22/08/05	Principal elo entre traficantes cariocas e celebridades depõe na polícia	Nacional
22/08/05	Lula é pressionado a trocar pronunciamento por entrevista coletiva sobre denúncias de corrupção	Política
22/08/05	CPI pode convocar Palocci para esclarecer acusações de propina	Política
22/08/05	Pesquisa mostra os efeitos nocivos dos <i>video games</i> em crianças e adolescentes	Internacional
24/08/05	Advogado questiona decisão da Aneel e adverte sobre novo reajuste de luz	Cidades
24/08/05	Criminosos terão mais dificuldades para transitar pelas rodovias mineiras	Polícia
24/08/05	Queda na popularidade de Lula e novo depoimento de assessor que denunciou Palocci tiram o sono de investidores	Política
25/08/05	Câmaras ultramodernas tiram ainda mais a privacidade de norte-americanos e estrangeiros	Internacional
25/08/05	Possível revisão dos juros anima investidores	Economia
25/08/05	CPI só vai decidir sobre convocação de Palocci após depoimento de assessor que o denunciou de corrupção	Política
25/08/05	Em discurso na presença de Lula, arcebispo cobra soluções para a crise	Política
25/08/05	Servidores lotam galerias na Assembléia para pressionar governo por tabela salarial	Política
26/08/05	Igreja Universal pode ser interdita em Belo Horizonte	Cidades
26/08/05	Crise política não afeta investimentos no Brasil	Economia
26/08/05	Assassinato de sindicalista em Minas cercado de mistério	Polícia
26/08/05	Líderes empresariais avaliam que Lula ainda não desistiu da reeleição	Política
26/08/05	Maradona revela que está há mais de um ano sem usar drogas	Internacional
27/08/05	Dinheiro do mensalão vinha de fraudes nos fundos de pensão	Política
27/08/05	Lideranças do PT discutem na capital mineira a crise do partido	Política
27/08/05	Cientistas revelam: pequi combate e previne o câncer	Ciência

<sup>35</sup> As manchetes da edição do dia 23/08/05 não foram registradas devido a um problema técnico no início da fita em que foi gravado o *Jornal Utópico* desse dia.

27/08/05	Revolta no enterro de sindicalista assassinado em Minas	Polícia
----------	---	---------

Quadro 8 – Manchetes veiculadas em cinco edições

Fonte: Jornal Utópico.

O quadro mostra que, das 22 manchetes veiculadas nos cinco dias em questão, nove foram da editoria de política (40,1%); três da editoria de polícia (13,7%); três da editoria de internacional (13,7%); duas da editoria de nacional (9,1%); duas da editoria de cidades (9,1%); duas da editoria de economia (9,1%); e uma da editoria de ciência (4,6%). Os dados permitem afirmar que o *Jornal Utópico* dá preferência às manchetes da editoria de política, o que está em consonância com a movimentação em Brasília, devido aos vários depoimentos nas CPIs, no período analisado.

### 5.3.3 A relação com os ouvintes

Como já foi delineado no tópico 5.3.2.1, quando foi tratada a questão das pautas que surgem por meio do contato de ouvintes com a *Rádio Utopia*, a relação da emissora com o público poderia ser citada como sua característica mais marcante. Nos dias em que se desenvolveu a pesquisa, chamou a atenção a visita de um ouvinte à rádio. Um senhor entrou na redação do jornalismo, colocou a mão nos ombros da Repórter 1 que estava de costas para ele e disse: “Te conheci pela voz”. Quando a repórter virou-se, o senhor sorriu e falou: “Vim pra te conhecer”. Então, ele apresentou-se e os dois passaram a conversar como se fossem conhecidos há tempos. Em entrevista, a repórter comentou sua relação com os ouvintes e a identificação que surge entre as partes:

Minha relação com os ouvintes é excelente. Como a rádio já tem essa conotação de família, então você atende diretamente o ouvinte, ele liga aqui, você conversa com ele, ele vem na redação. E como eu já estou aqui há dezoito anos, os ouvintes me falam que eu pergunto para os entrevistados exatamente o que eles queriam perguntar. Eu não tenho pergunta elaborada,

de busca científica, de retórica. Minhas perguntas são muito povão. As pessoas que estão me ouvindo pensam “ah, ela podia perguntar isso”, e imediatamente eu faço aquela pergunta que a pessoa queria fazer. Então a identificação é muito grande. E eu sou uma repórter que passo para o ouvinte que eu sou muito brava com o entrevistado, então eu tento não deixar ele me passar para trás. Então as pessoas adoram. Todo mundo fala: “você perguntou o que eu queria, você é brava, você pergunta mesmo, você não tem medo de nenhum entrevistado”. E eu não tenho mesmo, eu não tenho aquela coisa cheia de dedos, sabe? Eu não faço isso para fazer tipo, isso sou eu. Eu sempre fui assim. As pessoas se identificam comigo. Não sou eu que busco me identificar com o povo, as pessoas que se identificam comigo. O repórter é porta voz do ouvinte, e a obrigação dele é relatar os fatos, a obrigação dele é passar o que está acontecendo pro ouvinte tirar suas conclusões. (Repórter 1 - 18 anos de *Rádio Utopia*)

A partir do depoimento da repórter, fica evidente que a sua relação com os ouvintes da *Rádio Utopia* é amistosa. Vejamos o próximo exemplo:

A minha relação com ouvinte é visceral. É uma relação que vai se consolidando com o tempo, uma relação de amizade, embora distante, muitas vezes sem nem mesmo um conhecer ao outro. E de confiança, né? Então a gente não pode infelizmente cuidar de casos individuais, de questões pessoais, mas sempre que tem algo que incomoda uma pessoa e que pode significar uma demanda geral, aí a gente vai e cobra das autoridades. (Repórter 2 – 20 anos de *Rádio Utopia*)

No depoimento, o repórter reitera que existe uma relação de confiança entre ouvintes e repórteres da *Rádio Utopia*. Ainda assim, o jornalista deixa claro que, apesar da “relação de amizade” que existe entre as partes, o repórter não pode privilegiar casos particulares em detrimento do interesse público geral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou, de acordo com a discussão teórica sobre a construção social da realidade, a respeito dos novos paradigmas no campo da Comunicação e do radiojornalismo, como ocorre o processo de produção da notícia para o *Jornal Utópico*, radiojornal transmitido de segunda-feira a sábado, das 12h30 às 13h pela *Rádio Utopia*.

Com base na observação participante, realizada em campo entre 22 a 27 de agosto de 2005, na escuta das seis edições que foram gravadas e na análise realizada no quinto capítulo, concluiu-se, prioritariamente, que as notícias são de fato uma construção social, como propuseram os capítulos 1 e 2 do presente trabalho. Esta pesquisa considera uma atitude reducionista definir o jornalismo como uma simples técnica que deve ser norteada pelo inatingível critério da objetividade e pelo emprego de regras, como, por exemplo, a pirâmide invertida e o *lead*.

Concluiu-se, também, que o jornalista não é simplesmente alguém que comunica ao público o conhecimento da realidade, em outras palavras, não é “os olhos e os ouvidos” do público em locais em que ele não pode estar, mas sim um profissional que produz versões do real, mediante sua própria maneira de apreender os acontecimentos e de trabalhar a linguagem para transmiti-los.

Estar em campo para a realização da observação participante permitiu verificar que a prática jornalística realiza-se diferentemente da teoria ensinada no meio acadêmico e que a produção da notícia torna-se, muitas vezes, uma atividade mecânica. Devido à pressão do tempo e dos demais condicionantes da rotina produtiva do jornalismo, os agentes envolvidos na produção do noticiário, na maioria das circunstâncias, apenas agem no cumprimento de tarefas já padronizadas e não refletem sobre o que estão fazendo.

A oportunidade de acompanhar uma semana de produção de notícias para o *Jornal Utópico* também possibilitou perceber que os computadores são, atualmente, as grandes estrelas da redação. À exceção das informações que são levadas ao conhecimento dos profissionais por agentes externos, como os ouvintes que ligam ou visitam a rádio, as demais apurações são realizadas, maioritariamente, por meio de computadores, seja pelo acesso a sites jornalísticos, seja pelo recebimento de informações das agências de notícias contratadas. Isso me faz concluir que o que impera no jornalismo hoje é a facilidade e a velocidade na obtenção de informações, em detrimento da qualidade das notícias.

O acompanhamento do processo de produção da notícia em uma emissora de rádio real também me fez concluir que alguém que se propõe a estudar a atividade em campo, apesar de não interferir na produção, incomoda aos agentes produtores, o que gera, inevitavelmente, alguns constrangimentos sem maior importância para o campo acadêmico.

Apesar das dificuldades enfrentadas, a experiência da monografia foi extremamente proveitosa. A observação participante me fez despertar para o aprofundamento nas teorias contemporâneas do jornalismo e do radiojornalismo, por meio da pesquisa bibliográfica e da assimilação de idéias dos diversos autores que contribuíram para a construção do embasamento teórico que sustenta este estudo. Além disso, o trabalho analítico mostrou-me como somos capazes de exercer um pensamento crítico sobre as notícias que nos são transmitidas pelos veículos de comunicação e estudar fenômenos que, a princípio, parecem instituídos e impassíveis de reflexão.

Mesmo tentando analisar os principais condicionantes da rotina de produção de notícias para um radiojornal, sempre estive ciente de que não poderia dar conta de todos os fatores que influenciam o processo. Portanto, fica em aberto, para futuros estudos, a análise da presença de uma nova tecnologia que já foi integrada ao fazer jornalístico e que transforma

sua concepção: os telefones celulares. Outros critérios de análise seriam a cultura profissional dos jornalistas envolvidos na produção do noticiário e a linha editorial do veículo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Alda de. **As novas tecnologias e a crise do jornalismo**. Rio de Janeiro, mimeo, 9p. 2005.
- ALVES, Rosental Calmon. Radiojornalismo e a linguagem coloquial. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio**. Textos e Contextos. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.
- ANDRADE, Mário de. A língua radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio**. Textos e Contextos. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.
- ARNHEIM, Rudolf. A arte do cinema. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio**. Textos e Contextos. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.
- BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio**. Textos e Contextos. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005.
- BERGER, Peter; LUCKHMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia de conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Brasília: Ortiz, 1989.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Edusp, 2000.
- LEAL, Bruno Souza. **Reflexões sobre o jornalismo como narrativa do real**. In: TEMAS. 2002, p.11-14.
- MEDITSCH, Eduardo. **A rádio na era da informação**. Coimbra: Minerva, 1999.
- ORTRIWANO, Gisela. **A informação no rádio**. Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.
- PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 horas de jornalismo**. São Paulo: Panda, 2000.
- PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Discurso e poder: a contribuição barthesiana para os estudos de linguagem**. Rio de Janeiro, mimeo, 15p. 2005.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo. Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Veja, 1993.
- ROSSI, Clóvis. **O que é Jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- SALOMÃO, Mozahir. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo: Annablume, 2003.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Veja, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unissinos, 2001.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Veja, 1993.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.